



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

SAMIRA DIORAMA DA FONSECA

**A VOZ DE VANJU EM *CAIS DA SAGRAÇÃO*,
DE JOSUÉ MONTELLO**

Porto Nacional/TO
2025

SAMIRA DIORAMA DA FONSECA

**A VOZ DE VANJU EM *CAIS DA SAGRAÇÃO*,
DE JOSUÉ MONTELLO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Egno do Carmo Gomes.

Porto Nacional/TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F676v Fonseca, Samira Diorama da.
A voz de Vanju em Cais da Sagração, de Josué Montello. / Samira Diorama da fonseca. – Porto Nacional, TO, 2025.
73 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Letras, 2025.
Orientador: Antônio Egno do Carmo Gomes

1. Literatura. 2. Análise do discurso. 3. Vozes no Romance. 4.
Patriarcalismo. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SAMIRA DIORAMA DA FONSECA

**A VOZ DE VANJU EM *CAIS DA SAGRAÇÃO*,
DE JOSUÉ MONTELLO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Egno do Carmo Gomes.

DATA DA APROVAÇÃO ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^o Dr^o Antônio Egno do Carmo Gomes – PPG – Letras -UFT

Arguidor: Prof. Dr. Odi Alexander Rocha da Silva (Unitins)

Arguidor (a) Prof(a). Dra. Adriana Demite Stephani - PPG – Letras - UFT

Dedico este trabalho a memória do meu filho,
Felipe José da Fonseca, que foi o meu maior
incentivador da minha carreira acadêmica.
Tudo foi por ele.

AGRADECIMENTOS

A Deus, dono de tudo em minha vida.

Ao meu Anjo da Guarda, sempre presente em todos os momentos, protegendo-me e guiando os meus passos. E à Nossa Senhora das Dores, que consola e enxuga as minhas lágrimas nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Egno do Carmo Gomes, por suas recomendações, generosidade e paciência durante a escrita deste trabalho.

Ao meu filho, Felipe José da Fonseca, que, em sua inocência, me ensinou a ser uma pessoa melhor. Sem ele, não teria chegado até aqui. Tudo foi por ele e para ele.

À minha família, em especial ao meu pai, José Antônio da Silva Marinho, que luta diariamente por todos nós; às minhas irmãs, sobrinhos e à minha companheira, que sempre me incentivaram a permanecer no caminho das Letras e a prosseguir nos estudos.

Aos meus professores da Universidade Estadual do Maranhão, com quem tive o prazer de aprender e trabalhar, o meu muito obrigada.

Gratidão a todos vocês.

*Após a Literatura do primeiro épico-talássico
aparecido na ficção brasileira, é também Cais da
Sagração nosso melhor romance desde Gabriela,
Cravo e Canela, de Jorge Amado
(Gilberto Freyre)*

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a voz da personagem Vanju na obra *Cais da Sagração*, de Josué Montello, buscando identificar, nessa emissão narrativa, os eventos por meio dos quais ela configura sua identidade, incluindo aqueles relacionados à sua morte. Embora *Cais da Sagração* seja um romance amplamente estudado, dentro e fora do Maranhão, desde sua publicação em 1971, este é o primeiro trabalho que aborda essa temática na obra sob uma perspectiva comunicacional e narratológica.

Para a realização deste estudo pioneiro, foi necessário recorrer à abordagem das cinco vozes atuantes na narrativa: a do autor interno, a do escritor, a do narrador, a do leitor e a da personagem. O foco principal recaiu sobre a voz da personagem Vanju, na qual se buscou identificar a sua expressão, que, a princípio, parece silenciada.

Dessa forma, para fundamentar esta dissertação, foram utilizadas as contribuições de Tacca (1983), Bakhtin, Platão, Fiorin (2011), Barthes (1988), Dal Farra (1978) e Carmo Gomes (2014), especialmente para a análise dos conceitos relacionados à voz da personagem em ficção.

Palavras-chaves: Narratologia. Literatura maranhense. Voz da personagem. *Cais da Sagração*. Vanju.

ABSTRACT

This study aims to analyze the voice of the character Vanju in the novel *Cais da Sagração*, by Josué Montello, seeking to identify, within this narrative expression, the events through which she shapes her identity, including those related to her death. Although *Cais da Sagração* has been widely studied, both within and beyond Maranhão, since its publication in 1971, this is the first work to address this theme in the novel from a communicational and narratological perspective. In order to carry out this pioneering study, it was necessary to draw upon the approach of the five active voices in the narrative: that of the internal author, the writer, the narrator, the reader, and the character. The main focus fell on the voice of the character Vanju, in which the study sought to identify her expression, which at first seems to be silenced. Thus, to support this dissertation, the contributions of Tacca (1983), Bakhtin, Plato, Fiorin (2011), Barthes (1988), Dal Farra (1978), and Carmo Gomes (2014) were employed, especially for the analysis of concepts related to the character's voice in fiction.

Keywords: Narratology. Literature of Maranhão. Character's voice. *Cais da Sagração*. Vanju.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A VOZ DA PERSONAGEM: UMA PERSPECTIVA NARRATOLÓGICA.....	14
2.1 Os conceitos de “voz” em literatura.....	14
2.2 O conceito de voz em narratologia.....	14
2.2.1 Escritor, autor interno, leitor, narrador e personagem: as cinco vozes narrativas	15
2.3 Meios de se “ouvir” a voz de uma personagem.....	19
2.3.1 Através do narrador.....	19
2.3.2 Pela voz de outras personagens.....	21
2.3.3 Através do seu próprio discurso	21
2.4 Um romance de muitas vozes.....	21
2.4.1 Um narrador que se mistura com o que narra.....	22
3 A VOZ DE VANJU EM CAIS DA SAGRAÇÃO	27
3.1 Vanju pela boca alheia	27
3.1.1 Narrador (discurso indireto; comentários valorativos; descrição sobre Vanju)	28
3.1.2 Narrador (discurso direto; comentários valorativos; descrição sobre Vanju)	30
3.1.3 Vanju pelos olhos do barqueiro Mestre Severino.....	33
4 A VOZ DE VANJU POR MEIO DE OUTRAS PERSONAGENS.....	52
4.1 Vanju aos olhos de Lourença	52
4.2 Vanju pelo olhar de Padre Dourado	57
4.3 Vanju pelo olhar de seu neto, Pedro	60
4.4 Vanju aos olhos do Dr. Genésio.....	61
5 VANJU POR ELA MESMA.....	63
6 A VOZ DO PATRIARCADO EM CAIS DA SAGRAÇÃO.....	67
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

Na história da produção literária do Brasil, o estado do Maranhão figura como um dos estados que se destacam quando o assunto é prosa. Nele, encontramos renomados escritores como, Gonçalves Dias, Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Viriato Corrêa, entre outros. Dentre esses luminosos nomes, figura Josué de Sousa Montello, escritor multifacetado que transitou entre os papéis de jornalista, professor, romancista, teatrólogo, cronista, além de ser membro da prestigiada Academia Brasileira de Letras

Nascido em São Luís do Maranhão em 21 de agosto de 1917, Josué Montello deixou uma contribuição marcante nas letras nacionais ao longo de sua carreira, que abrange mais de 150 títulos, desde romances passando por contos, crônicas, peças teatrais e ensaios literários. Ele se destaca como uma figura proeminente na literatura do estado em âmbito nacional, seguindo os passos do escritor naturalista, Aluísio Azevedo.

Vale ressaltar que Josué Montello, ao lado de Bandeira Tribuzzi, foi responsável por introduzir o Modernismo na Literatura Maranhense, um marco que ocorreu tardiamente em 1942 com a publicação de "Janelas Fechadas", seu primeiro romance. A partir desse momento sua trajetória foi repleta de conquistas, ocupando cargos de destaque como Diretor da Biblioteca Nacional; do Serviço Nacional do Teatro e do Museu da República. Além disso, ele serviu como subchefe da Casa Civil da Presidência da República durante o governo de Juscelino Kubistchek; atuou como embaixador do Brasil junto à UNESCO e foi reitor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Ao longo de sua vida, Josué Montello encontrou não apenas crescimento pessoal, mas também, reconhecimento e gratificação por meio de sua contribuição à literatura, acumulando um total de 12 prêmios literários. Entre suas distinções mais notáveis estão os títulos de imortal da Academia Maranhense de Letras e da Academia Brasileira de Letras, tendo sido eleito presidente desta última nos anos de 1994 a 1995. Além disso, Montello foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Entre os títulos mais destacados do escritor estão as obras como: *Janelas Fechadas* (1941), *Décima Noite* (1959); *Os Degraus do Paraíso* (1965); *Noite Sobre Alcântara* (1978); *Largo do Desterro*; *A Coroa de Areia* (1979); *Pedra Viva* (1983); *Os Tambores de São Luís* (1975); *Cais da Sagração* (1971); *Diário da Manhã* (1984); *Diário da Tarde* (1988); *Diário do Entardecer* (1991); *Diário da Noite Iluminada* (1994); entre outros títulos que fazem a chamada Saga Maranhense.

Devido a sua relevância não apenas para a literatura maranhense, mas também para a nacional, o trabalho de Josué Montello merece ser revisitado por pesquisadores acadêmicos.

Sua obra aborda temáticas que continuam sendo debatidas até os dias atuais, como a escravidão e o racismo no Brasil, o retorno do comando militar e o golpe militar, o abuso de crianças e adolescentes, pandemias, violência contra a mulher e o feminicídio. Portanto, estudar Montello é essencial para compreender essas e outras questões em diferentes períodos da História e para analisar a evolução da sociedade diante desses desafios.

Com a rica produção literária de Josué Montello, os acadêmicos começaram a se debruçar sobre ela e estudos foram sendo construído em torno de inúmeras temáticas, algumas delas concentradas nas áreas do Direito, História, Memória, Geografia e Turismo passando também pela Arquitetura. E podem ser encontrados em alguns livros que foram organizados por professores de universidades, como os livros: *O Século XX e a Literatura Maranhense: Reflexões sobre a narrativa em prosa* (2016), organizado pelos professores, José Neres e Dino Cavalcante; *Josué Montello: Entre memória, ficção e cultura* (2018), cujos organizadores foram, Silvana Maria Pantoja dos Santos, José Dino Costa Cavalcante e Joseane Souza; *Montello: O Benjamim da academia* (2008); *Na Trilha das Palavras: Estudos literários* (2015), ambos organizados pelo professor José Neres, entre outros. Afora eles há ainda centenas de monografias, artigos, dissertações e teses.

Mesmo com esses trabalhos já publicados, ainda assim é pouco para a vasta produção literária do autor, e mais ainda, dentro dessas publicações não há um único artigo ou ensaio que trate sobre o tema aqui exposto, ou seja, que aborde a autodescrição de Vanju por meio de sua voz narratológica.

Ao abordar a temática Voz de Vanju em *Cais da Sagração* de Josué Montello, pretende-se dar luz a uma personagem que, muitas vezes, é tida como culpada pelo seu próprio assassinato. A proposta é tirar o foco da voz narratorial, que engloba a voz de Vanju, e descrever sua identidade a partir dessa emissão pessoal que se faz presente no enredo. Consideramos que isso possa renovar a leitura de *Cais da Sagração*, lançando um novo olhar sobre essa personagem cuja condição de meretriz pode ser um obstáculo para sua versão dos fatos relacionados a sua morte, não apenas na trama ficcional, mas também por parte do leitor.

Ao fazer uma breve pesquisa sobre o livro *Cais da Sagração* é possível encontrar alguns trabalhos com temáticas sobre Memória (*Josué Montello: entre sombras, história e memória*, de Régia Agostinho da Silva) (2016); Geografia, (*A geograficidade em Josué Montello: o romance Janelas fechadas à luz da Geografia Humanista Cultural*, de Viviane de Jesus Farias Ribeiro Pinheiro (2020); Direito (*Literatura, Direito e Sociologia das Relações Raciais no romance “Os tambores de São Luís*, de Paulo Fernando Soares Pereira) (2020); e História (*Entre ficção, memória coletiva e história: Uma reflexão acerca de Noite sobre Alcântara*, de

Paloma Pereira e José Dino Cavalcante (2016). O que se pode perceber é que nenhum desses trabalhos abordam a temática aqui trabalhada, ou seja, este trabalho de pesquisa é, portanto, pioneiro e necessário para se conhecer o posicionamento de Vanju por meio de sua voz.

Esta análise é necessária porque a obra é vista pela voz do narrador e de Mestre Severino, ambos homens, o que dificulta a compreensão de um leitor que apenas enxerga o lado da mulher que foi morta de maneira fria e calculista, por um ser extremamente ciumento, que a fez praticamente prisioneira dentro de uma pequena cidade, isolada de praticamente tudo. Eis a razão maior de se abordar nesta dissertação de mestrado, A voz de Vanju em *Cais da Sagração* de Josué Montello.

Esta dissertação tem como objetivo maior encontrar a voz da personagem Vanju em *Cais da Sagração*, buscando assim, observar atentamente sobre quem de fato era esta personagem dentro da história de Josué Montello e sua versão sobre tudo que lhe aconteceu. Para isso se utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica. Observa-se então o que diz Marconi e Lakatos sobre a finalidade desse tipo de pesquisa:

Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, querem publicadas, quer gravadas. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.183).

Ou seja, a pesquisa bibliográfica se debruça sobre aquilo que está escrito a respeito de determinado assunto que será estudado pelo pesquisador, ele abrange teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios, gravações audiovisuais, etc. Isto é, tudo para que venha a ser produzido algo inovador sobre assuntos que já foram estudados sob uma outra ótica.

Quanto aos procedimentos metodológicos, para a elaboração desta dissertação, adotamos três fases ou momentos procedimentais: Na primeira, realizamos estudos sobre os conhecimentos implicados na pesquisa, fazendo, para tanto, os estudos e análise do referencial teórico envolvido.

Em seguida, buscamos avaliar atentamente a proposta de analisar a obra *Cais da Sagração* sob a perspectiva da temática da voz narratológica, tendo em vista que, essa temática até então ainda não foi abordada por estudiosos do trabalho literário de Josué Montello.

E por fim, na terceira fase, já para a elaboração do presente texto, retornamos aos estudos teóricos sobre a voz no romance literário, e foi ainda nessa fase, que fizemos a organização e produção deste texto científico, cuja estruturação descreveremos a seguir.

O presente estudo se abre com esta INTRODUÇÃO, que serve para contextualizarmos o tema proposto e estabelecermos os resultados esperados, tendo em vista os objetivos e os limites específicos de nossa pesquisa.

O Capítulo 2, intitulado A VOZ DA PERSONAGEM: UMA PERSPECTIVA NARRATOLÓGICA, é dedicado a apresentar as abordagens literárias de “voz”, com destaque para a concepção de voz numa perspectiva narratológica. Para tanto, há nesse capítulo tópicos nos quais tratamos de temas como enunciações narrativas, peculiaridades da voz personal (ou da personagem), meios de se “ouvir” a voz de uma personagem e itens semelhantes.

Já no Capítulo 3 apresentamos A VOZ DE VANJU EM CAIS DA SAGRAÇÃO, capítulo este que dá nome ao nosso trabalho; também com subtítulos onde apresentamos as muitas vozes dentro do romance, onde se observou que o narrador se misturou com aquilo que ele mesmo está narrando; também entenderemos Vanju pelos outros personagens

No Capítulo 4 que foi intitulado A VOZ DE VANJU POR MEIO DE OUTRAS PERSONAGEM, em que abordou a voz da personagem Vanju sob a ótica das outras personagens existentes na obra *Cais da Sagração*.

O Capítulo 5 deste trabalho, intitulado, VANJU POR ELA MESMA, se propôs a conhecer a personagem por suas próprias palavras, mostrando pelo seu discurso o que ela viveu até os últimos instantes de sua vida, antes e depois de se casar com o barqueiro Mestre Severino.

Por fim, as CONSIDERAÇÕES FINAIS, é destinado à exposição de nossas conclusões.

Em suma, esta dissertação busca conhecer a voz desta personagem emblemática que é Vanju, estereótipo de milhares de mulheres que têm sua voz silenciada pela força violenta de seus companheiros. Desta forma, este trabalho oferece uma nova percepção sobre a escrita de Josué Montello.

Destarte, espera-se que este trabalho de pesquisa, venha a servir de sustentação teórica para outras produções acadêmicas que tratem sobre essa temática, quer seja com *Cais da Sagração* ou outra obra do escritor maranhense.

2 A VOZ DA PERSONAGEM: UMA PERSPECTIVA NARRATOLÓGICA

No presente Capítulo discorreremos a respeito dos conceitos existentes sobre a voz, fazendo uma abordagem teórica introdutória a este tema numa perspectiva narratológica.

Aqui se discorre sobre as cinco vozes existentes em um texto narrativo, as quais são: a voz do escritor, do autor interno, do leitor, do narrador e da personagem.

Para fazer os ponderamentos precisos sobre a temática aqui abordada, faz-se necessário a leitura e interpretação de teóricos os quais são: Bakhtin (2003, 2010, 2015); Oscar Tacca (1983); Fiorin (2011) e Carmo Gomes (2014), eles darão subsídios necessários para a construção desse tópico que fundamenta cientificamente esta dissertação de mestrado.

2.1 Os conceitos de “voz” em literatura

Em literatura, os conceitos de voz variam muito, indo de conotações mais simbólicas ou metafóricas, passando pelos sentidos de natureza mais discursiva a significados mais simples. Alguns usos desse conceito parecem ser meras alusões e sinônimos da voz física transpostos para o universo ficcional. Tais variações estão relacionadas às diferentes correntes ou vertentes críticas que utilizam o termo. Assim, para a crítica marxista voz pode representar uma ideologia ou grupo social; na abordagem dos estudos culturais, voz representa um grupo étnico, uma raça ou gênero, e assim por diante.

Em outros contextos, a voz pode ser interpretada como representação da “fala” da personagem, sua opinião sobre determinado assunto (cosmovisão). Em muitos trabalhos de crítica literária a voz costuma ser descrita como um direito individual: ter voz é ter a plena garantia de seus direitos de expressão e representação, seja simbólica, política ou mesmo jurídica. É muito comum a expressão “lugar de fala” como sinônimo dessa concepção de voz.

Também há variações conforme o conceito se refira a um indivíduo particular ou a todo um grupo representado. É nesse sentido que se fala, por exemplo, em vozes negras, vozes latino-americanas da literatura etc. Fora das teorias da comunicação, mas em parte dialogando com elas, Bakhtin trouxe para a teoria literária o conceito de enunciação discursiva como sendo a formalização linguística das vozes individuais e coletivas que correspondem a ideologias sociais. Bakhtin forneceu ainda um instrumental de análise das vozes narrativas.

2.2 O conceito de voz em narratologia

Em termos narratológicos, a voz tanto pode receber uma abordagem mais sociodiscursiva, como a de Bakhtin (2015), na qual as vozes correspondem a ideologias sociais, quanto mais estrutural, linguística descritiva, na qual as vozes são delineadas sem receberem

necessariamente uma imediata vinculação ideológica. Esta última perspectiva é a que adotamos neste trabalho.

Conforme Carmo Gomes (2014), avaliar uma voz narratológica é descrever uma dada identidade verbal de uma narrativa, o que é feito delineando-se essa personalidade vocal, seus atos e feitos na história, suas configurações, os modos como ela se relaciona com e se distingue das demais vozes do tecido narrativo, e como toda essa dinâmica implica no resultado final do romance.

Nessa perspectiva, o trabalho do crítico é descrever a dinâmica enunciativa ou comunicativa da narrativa, demonstrando, por contraste, a emissão das cinco vozes narratológicas que ressoam no texto narrativo. Para que avaliemos essa proposta, discorreremos a seguir sobre as cinco vozes do texto narrativo.

2.2.1 Escritor, autor interno, leitor, narrador e personagem: as cinco vozes narrativas

Por meio dos estudos de Bakhtin, hoje se reconhece a famosa pluridiscursividade constitutiva do romance e que esse é um gênero no qual ressoam diversas vozes sociais. Todavia, mesmo que não se recorra ao conceito bakhtiniano de vozes sociais ou ideológicas representadas na obra, é preciso reconhecer que todo romance veicula no mínimo cinco vozes narratológicas que invariavelmente falam nele, independentemente do encaminhamento dado ao enredo ou da habilidade do romancista. Nos referimos às vozes do escritor, do leitor, do narrador, da personagem e do autor interno ao texto (CARMO GOMES, 2014). Apresentemos brevemente cada uma delas.

A voz do escritor - Esta voz do escritor muitas vezes é confundida com a do narrador em razão de que este é que assume o discurso e a expressão primeira da narrativa. Todavia, como demonstra Bakhtin (2003), em um mesmo discurso várias vozes podem ser veiculadas. No discurso do narrador irão ressoar sua própria voz e, eventualmente, a do escritor, caso este resolva utilizar a obra para veicular suas opiniões pessoais. O escritor, enquanto participante do grande diálogo do romance, pode ser chamado, segundo a terminologia de Bakhtin (2003, p, 173), de autor-pessoa. Para Torres e Barbosa (2018), este é o:

Próprio escritor e artista; homem que vive em sociedade compartilhando os mesmos direitos e deveres, com anseios, frustrações e desejos comuns a qualquer outro indivíduo. O autor-pessoa não passa, neste caso, de uma simples pessoa em seu sentido mais literal e humano possível, dotada de nome próprio, endereço e ciclo familiar e de amigos etc (TORRES; BARBOSA, 2018, p. 3).

O escritor é a pessoa humana que escreveu o livro e esta pessoa pode, como dissemos, desejar colocar seus próprios pensamentos e ideias no romance. Para isso, o escritor se utilizará

dos lábios do narrador ou de alguma personagem, uma vez que, conforme Carmo Gomes (2014, p. 89) o escritor não pode falar diretamente na obra.

Para se reconhecer e identificar a voz do escritor é preciso primeiro conhecer essa voz, o que só é possível para o leitor que leu vários trabalhos do mesmo romancista, inclusive os de natureza não-ficcional. Nessa fortuna crítica se revelam as opiniões e ideias pessoais do escritor, seus lugares-comuns, suas ideologias públicas, as quais podem vir a se apresentar em pleno texto romanesco, para quem seja capaz de percebê-las. Ocorre que os narradores de alguns romances podem vir a se tornar verdadeiros *alter-egos* de seus criadores, verbalizando a torto e a direito o que estes pensam sobre determinado assunto.

A voz do escritor pode se manifestar não apenas dentro do relato ficcional, mas também em paralelo a ele, nas partes paratextuais do livro, como dedicatórias, prefácios, posfácios, notas e introduções. Em *Cais da Sagração*, por exemplo, encontramos a dedicação do livro a Francisco Negrão e Pedro Neiva de Santana: o primeiro foi governador do estado da Guanabara e o segundo foi um médico e político maranhense, que chegou a ser prefeito de São Luís e também deputado federal. Essas conexões evidenciam vínculos pessoais e particulares do escritor. Da mesma forma, o "Antes do livro", presente na edição que estamos analisando de *Cais da Sagração*, também reflete essa perspectiva:

Na verdade, por alguns instantes, eu andara longe dali, por águas do Maranhão, na instantânea composição do trecho de um novo romance, que ali mesmo contei ao meu companheiro. Daí em diante ficou morando em mim a urdidura do livro. Ainda não era o romance, mas apenas o seu esboço, com figuras indecisas. Eu tinha comigo o mar, a cidadezinha de pescadores, a orla do cais em São Luís. No entanto, ainda não via bem seu personagem central. Faltava-me conhecer-lhe bem o rosto, a cor dos olhos, o modo de andar, o som de sua voz. Em resumo: Mestre Severino não me havia aparecido, na nitidez da sua figura tosca (MONTELLO, 1971, p. 11).

Como se percebe, no texto quem fala é o próprio Josué Montello, atribuindo a origem do seu romance a uma lembrança que teve em Portugal na casa de uma amiga. Mas além dessa voz explicitamente externa ao disfarce ficcional, há, no próprio tecido narrativo de *Cais*, algumas outras formas de inserção da voz escritorial de Montello. Uma delas se localiza na voz

do narrador, que faz alusões a livros de escritores franceses, como *O Vermelho e o Negro* de Stendhal e *Viagem ao Fim da Noite*, de Céline. Aquele que visita a Casa de Cultura Josué Montello, em São Luís do Maranhão, percebe logo, ao adentrar no apartamento do escritor, uma pequena estante contendo os livros que ele tinha por base para a construção de suas narrativas são, em sua grande maioria, livros franceses, russos, ingleses, além dos clássicos da Literatura Brasileira. Igualmente, quem conhece, ou melhor, aquele que se debruça sobre o estudo da obra de Josué Montello, sabe que ele seguia os traços da escola francesa, isso é tanto visível que o próprio escritor fez a seguinte afirmação:

Cada um de nós, à medida que vai formando seu espírito, no mundo das letras, contrai dívidas de reconhecimento para com os autores que nos foram úteis nessa formação. E a tendência é pagarmos em louvores esparsos esses débitos da juventude. Ou então saldar de uma vez a dívida antiga com a unidade de um ensaio ou de um estudo (MONTELLO, 2009, p. 303).

Outro indício da voz do próprio Montello ressoando em *Cais da Sagração* está na forma do narrador deste romance descrever a paisagem maranhense, a qual contém uma espécie de exaltação ao centro histórico de São Luís e da própria história da cidade com o encerramento das atividades do Cais da Sagração e o surgimento do Porto do Itaqui, o que aproxima bastante o narrador do escritor.

Também há no romance uma idealização do homem nortista que parece ser do escritor, que promove a construção do mito de um herói peculiar mesmo que seja um assassino, ele não deixa de ser o herói do romance, pesando a seu favor o argumento de ser um homem comum, trabalhador do mar. O escritor parece tentar convencer o leitor de que os feitos desse herói, mesmo os violentos, são fruto de seu amor à profissão de barqueiro, vocação que sua família carrega há três gerações. Talvez seja de Josué Montello o tom de evocação do mito do sebastianismo, que se destaca na narrativa, trazendo a lume a história do rei de Portugal que encantou-se na batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos.

A voz do autor - Esta voz não deve ser confundida com a expressão direta do escritor, conforme a abordagem de Carmo Gomes (2014), que propõe que a voz do autor é interna ao texto ficcional e não pode ser diretamente atribuída ao escritor. Por isso, Carmo Gomes prefere utilizar a terminologia autor *in*, para diferenciar, na dinâmica de uma dada obra, o funcionamento desta voz interior e ficcional, em contraste com a ideologia exterior e pública do escritor e mesmo com a possível inserção da voz escritorial do romancista no discurso do narrador e das personagens.

A voz do leitor - Essa voz encontra-se como pano de fundo da escrita do romance, na perspectiva das teorias da leitura como de Jauss (1979) e Iser (1979). Para esses estudiosos, o leitor (e consequentemente sua voz) está inscrito no tecido linguístico e comunicativo da história, que “pede” dele certas reações e interações, prevendo alguns sentidos e encaminhando outros. As formas de verbalização sutil do leitor podem ser localizadas em conceitos como o de narratário, leitor empírico, leitor implícito etc.

A voz do narrador - Essa é a primeira e mais óbvia voz de todo romance, uma vez que, ela é que se mostra em primeiro plano, conduzindo a história e como que “passando o microfone”, ou seja, a oportunidade de expressão, aos outros falantes do relato ficcional (personagens, escritor, autor interno). Segundo Carmo Gomes (2014), a voz do narrador está

relacionada ao mundo interno ficcional e tem ainda as seguintes características:

Responde por sua própria enunciação e pelos efeitos imediatos dela decorrentes; responde pelo texto enquanto relato verbalizado; relaciona-se com a organização imediata do “espetáculo” e a distribuição do funcionamento óbvio da narrativa; vive em função do trabalho e economia narrativos (CARMO GOMES, 2014, p. 89).

Logo, a voz do narrador faz deste um ser discursivo e um verbalizador completamente distinto tanto do escritor quanto do autor interno. Essa voz narratorial pode assumir as mais variadas configurações, dependendo de como é projetado para funcionar o narrador de uma dada obra concreta. Em *Cais*, o narrador vai narrando o texto, muitas vezes, sem se apresentar ao leitor. Trata-se de um narrador que faz uso da terceira pessoa, mas não é distante como um tradicional narrador onisciente, pois é tão ficcional quanto qualquer outro personagem do romance. Ele é conhecedor das tramas que as outras personagens vivem na narrativa, configurando, assim, o narrador perspectivado que Tacca descreveu:

O narrador, indubitavelmente, sabe mais do que aquilo que vê. Certamente que a narrativa pode cingir-se à visão. Mas também pode de forma mais ampla, representar a consciência de um narrador, que não só vê, mas que supõe, deduz, conjectura. A unidade de enfoque é substituída pela unidade da consciência. O romance deixa de ser um ponto de vista para ser uma consciência narradora (TACCA, 1983, p. 31).

Mais à frente, isto é, no capítulo 3 deste trabalho, quando tivermos ocasião de comparar os modos como o narrador do romance reproduz e veicula a voz de Vanju, discutiremos mais longamente sobre a voz narratorial de Cais da Sagração.

A voz da personagem - Tanto o protagonista quanto as demais personagens de um romance têm sua voz encaixada na voz primeira e maior do narrador. A voz da personagem é, portanto, uma voz veiculada pelo narrador. Uma vez que, o assunto será retomado posteriormente neste trabalho, basta-nos agora delinear brevemente a natureza da voz pessoal, ou voz da personagem, buscando entender como ela é vista dentro da obra literária.

Para Carmo Gomes, a personagem está relacionada à esfera interna do texto ficcional:

Responde apenas por aquilo que está ao alcance de suas possibilidades como entidade supostamente “viva” no “mundo”. A personagem é limitada pela vocalização, pelo contexto, pela referência e pela verossimilhança: ou seja, só abarca o que é efetivamente dito por ela ou sobre ela; vive para si e em função de si mesma (CARMO GOMES, 2014, p. 89).

Carmo Gomes tem em vista a necessidade de distinguir e contrastar as vozes da personagem e do narrador como instâncias e funções distintas no texto ficcional. Enquanto o narrador vive em função do relato e é uma voz com uma funcionalidade evidente (contar, passar a vez, informar, relatar, sintetizar, antecipar etc.), a personagem se apresenta como um ser “vivo”, completamente absorvido por sua existência no interior do relato. Por isso, a voz da

personagem deve ser buscada apenas naquilo que ela verbaliza, direta ou indiretamente, ou que se pode deduzir de sua vontade e expressão a partir de outras vozes (como quando conhecemos o que pensa, acredita, fez ou disse uma personagem a partir daquilo que sobre ela diz o narrador ou outra personagem). Tacca realça essa dependência que as personagens têm do narrador. Para ele:

A intervenção direta dos personagens no discurso narrativo, a sua palavra, é, na realidade, uma ilusão: ela passa também pela alquimia do narrador. Mesmo no diálogo, tão presente está este como aqueles. A verdade “oral” de um personagem, é uma verdade peneirada pelo narrador. E na realidade, o diálogo oscila, nos diversos romances (oscilação, por si só eloquente), entre a insignificância face ao relato propriamente dito e a marca indelével do narrador (TACCA, 1983, p. 126).

O narrador de *Cais da Sagração* narra quase sempre em sumário, sintetizando os eventos como em um conto, mencionando a voz das personagens na maioria das ocasiões e passando-lhes a vez, ou seja, reproduzindo suas expressões diretas, apenas eventualmente. O resultado dessa veiculação fica bastante evidente no caso do personagem principal, Mestre Severino. Ele pouco fala e, quando o faz, emite uma tentativa de explicar suas ações. O narrador praticamente passa a descrever as cenas em que Severino atua e, mesmo que o narrador pretenda ser minucioso e preciso, fica evidente que o personagem não é capaz de produzir um diálogo espontaneamente, ou seja, sem a mediação do narrador.

Algo semelhante acontece com Vanju. Nós nos deteremos na análise dessa relação entre narrador e Vanju mais à frente, mas por hora, já podemos adiantar que em *Cais da Sagração* praticamente não se escuta a voz desta personagem – pelo menos não de maneira direta e marcada.

2.3 Meios de se “ouvir” a voz de uma personagem

Na proposta de leitura como “audição” das vozes das narrativas, é preciso distinguir uma emissão comunicativa de outra, para isso discutiremos sobre os meios de se separar a voz da personagem de outras vozes que ressoam no tecido verbal de uma história.

Assim, os subtópicos apresentados abaixo, mostram as três formas que o estudioso pode ouvir sua personagem e os fatos que lhe aconteceram, o que se dá quando se analisa o discurso do narrador, a voz da própria personagem que está sendo estudada e por fim, voz dos demais personagens do enredo.

2.3.1 Através do narrador

Como vimos anteriormente, o narrador costuma ser a voz primeira e organizadora do

relato dos romances. Quase sempre, as vozes das personagens aparecem ou chegam até nós leitores no interior dela e misturadas com essa outra voz, cabendo um trabalho de diferenciação dessas distintas personalidades. São basicamente duas as maneiras pelas quais um narrador veicula a voz da personagem. Avaliemos rapidamente cada uma delas.

Pelo discurso indireto - Às vezes o narrador reproduz o discurso dos personagens indiretamente. Alguns teóricos distinguem ainda entre discurso indireto e indireto livre, como Platão e Fiorin:

Há dois tipos de discurso indireto (o que analisa o conteúdo e o que analisa a expressão) [...] o primeiro tipo elimina os elementos emocionais ou afetivos presentes no discurso direto (por exemplo, as interrogações, as exclamações, as formas imperativas, as interjeições), produz um efeito de sentido de objetividade analítica. Nele o narrador revela somente o conteúdo do discurso da personagem e não o modo como ela o disse. Com isso, o narrador estabelece uma distância entre sua posição e a da personagem, abrindo caminho para a réplica e o comentário [...] cria, assim, a impressão de que o narrador analisa o discurso citado de maneira racional e isenta de envolvimento emocional. Segundo tipo de discurso indireto serve para analisar as palavras, o modo de dizer dos outros e não o conteúdo do que dizem. Nesse caso, as palavras ou expressões ressaltadas aparecem entre aspas (SAVIOLI; FIORIN, 2011, p. 32).

No caso aqui seria o narrador que praticamente se funde ao personagem para contar os fatos ocorridos. O narrador de *Cais da Sagração* parece conhecer a fundo todos os personagens do romance, em especial Mestre Severino, já que ele é o personagem central da obra. Por esta razão, há uma intimidade do narrador para com esses personagens, tanto que os demais que fazem parte da obra, não parecem caminhar lado a lado dele, suas ações são explicadas, mas não com tanta profundidade, como ocorre com o barqueiro, como se atesta no fragmento abaixo:

E agora sabia, como um pressentimento cada vez mais nítido, que a sua vida chegava ao fim. Procurou consolar-se: ao termo do caminho, estaria Vanju à sua espera.
— Ninguém fica para semente, um dia tudo se acaba, é a lei de todos. Dou graças a Deus ter chegado até aqui, para eu mesmo te entregar o *Bonança* — rematou Mestre Severino.
E sentindo que a emoção lhe apertava a garganta, pigarreou forte, levantou-se de costas ao neto, entrou na cambra, o cigarro de palha na ponta dos dedos. (MONTELLO, 1971, p. 240).

Por seus comentários - Nesse recurso, o narrador não apenas reproduz a voz da personagem, mas tem ainda a possibilidade de dar sobre essa voz a sua opinião, de maneira mais ou menos franca. Várias terminologias são utilizadas para caracterizar esse expediente comunicativo, um deles chama de narrador onisciente intruso, aquele que se permite tecer considerações valorativas sobre as pessoas cujas histórias ele relata.

Seja por meio do discurso indireto, seja por meio dos comentários, o narrador veicula a voz da personagem dentro da sua e apenas uma análise cuidadosa permite separar esses dois discursos.

2.3.2 Pela voz de outras personagens

Além do narrador, outra fonte de conhecimento sobre as opiniões de uma personagem são as outras personagens de uma narrativa e tudo aquilo que estas dizem, fazem ou reagem e que pode lançar luz sobre aquela.

Mais à frente, em tópico dedicado a isso, vamos avaliar as opiniões das demais personagens de *Cais da sagração*, sobre Vanju. Nele mostrará a opinião que Lourença, Padre Dourado, o próprio Mestre Severino, tinham a respeito da mulher e seu comportamento, antes e depois do casamento com o barqueiro. As opiniões servirão de alicerce para se compreender melhor o perfil da personagem marcante da obra.

2.3.3 Através do seu próprio discurso

Finalmente, a fonte direta e mais tradicional de se conhecer a voz e as opiniões de uma dada personagem é pela reprodução imediata de suas falas no corpo da narrativa, as quais tradicionalmente recebem esses marcadores linguísticos:

a) Se separam da voz do narrador, quando no discurso indireto, por meio da inserção do pronome relativo “que”: “João disse que viria esta tarde”. Nesse exemplo, “viria nesta tarde” seria a voz de João, separada da do narrador (sublinhada) pelo pronome, que faz a transição entre as duas vozes.

b) Se separam da voz do narrador, quando no discurso direto, por meio da inserção dos dois pontos, travessão, aspas e outros recursos de delimitação verbal semelhantes, como nos seguintes exemplos, nos quais as falas do narrador aparecem sublinhadas:

I. “Maria disse: – Semana que vem eu retorno”.

II. “Paulo havia explicado: ‘Serei breve’”

Apesar disso, Bakhtin nos fornece no estudo intitulado *O heterodiscurso no romance*, presente no livro *Teoria do romance I: A estilística* (2015), recursos para perceber várias sutilezas que exigem um exame atento para se separar as vozes das personagens no interior do discurso do narrador, o qual nem sempre se valerá de marcadores óbvios para separar uma emissão de outra.

2.4 Um romance de muitas vozes

Antes de se iniciar este subtópico, há a necessidade de evocar um dos maiores estudiosos da obra de Josué Montello, que é o escritor e professor José Neres. Sobre o livro *Sobre Cais da Sagração*, ele ressalta:

Cais da Sagração é um dos melhores e mais completos livros de Josué Montello. Nesse romance ambientado na São Luís da passagem da década de 1960 para 1970, tempos de muitas transformações urbanas, sociais e comportamentais na cidade, o romancista acaba colocando, a partir das observações tanto de seu narrador quanto da personagem principal, um pouco de suas preocupações com o destino de São Luís. Os contrastes entre as novas concepções de vida e as tradições se refletem nas relações conflituosas entre as personagens. Mestre Severino, Vanju, Lourença, Pedro, Davi e todos os outros representam de alguma forma o inevitável encontro entre as tradições e as modernidades. E esse cenário é bastante explorado pelo talento de Josué Montello. (NERES, 2017, p.15)

Nota-se que há um leque de temáticas possíveis de serem abordadas e estudadas dentro da obra, contudo, buscou-se ouvir a voz de Vanju para assim, compreender a narrativa por completa.

O tema em estudo apresenta uma abordagem acerca do discurso da personagem Vanju, de *Cais da Sagração*. Nasce a partir desse capítulo o desenvolvimento do trabalho onde entenderemos como as personagens de Montello, nesta obra, se comunicam, passando pela voz apelativa, imperativa e subordinada. Compreendendo que cada personagem carrega em sua fala um modo de comportar-se diante dos acontecimentos, que de certa forma, acabaram impactando suas vidas, principalmente de forma negativa.

Depois de conhecermos um pouco mais sobre a parte teórica, é preciso apreciar a voz das personagens da obra *Cais da Sagração*. Aqui será abordada a voz de Mestre Severino, Lourença, Vanju, Pedro, Padre Dourado e até de Davi; este último pelo fato de influenciar tanto a vida do neto do barqueiro, encorajando-o a tomar decisões contrárias quanto ao futuro que Mestre Severino lhe ofereceria por meio de falas firmes. Afora o fato de conhecermos a própria voz do narrador.

Para alcançar a análise proposta, este capítulo foi dividido em três subitens. No primeiro vamos conhecer a voz da personagem através do narrador, analisando o discurso indireto; os comentários valorativos; e as descrições. No segundo subtópico, vamos conhecer a voz da personagem através de outras personagens; e, por fim, se conhecerá a voz da personagem através do discurso direto. Destarte, passemos para a análise o primeiro tópico, fundamentando-o dentro da narrativa de *Cais da Sagração*.

2.4.1 Um narrador que se mistura com o que narra

Em toda história que escutamos ou lemos, há sempre um narrador desfiando as contas do tempo e contando como algo aconteceu em determinado momento do tempo-espaco. Uma vez que, independentemente de como as diferentes sociedades estruturam suas narrativas, esse sempre será o meio pelo qual se vai contar os fatos interligados com a História, assim é imprescindível delinear a natureza dessa voz.

Iniciemos com a caracterização do seu possuidor: o ente narrador para quem segundo Maria Lúcia dal Farra, estudiosa do assunto, “o narrador é um ser ficcional que ascendeu à boca do palco para proferir a emissão, para se tornar o agente imediato da voz primeira” (DAL FARRA, 1978, p. 19). Como afirma o argentino Oscar Tacca (1986), o narrador, de fato, é aquela personagem da qual o leitor nem sempre sabe o nome; entidade que nem sempre possui descrições físicas ou psicológicas, mas que está presente do começo ao fim na própria história que ele narra, a qual, pode ter ou não verossimilhança. Todavia, para encontrá-lo é preciso ter bastante atenção na leitura e lembrar-se que, além da voz dele, há muitas outras vozes falando dentro de um romance, de tal maneira que só com uma leitura atenta se é capaz de apreciar essas distintas emissões vocais, apreciação que nem sempre acontece entre os leitores que leem com pressa.

O narrador é uma entidade narrativa que se define a partir de uma função: a função de narrar, dirigir, dizer (e comandar vocalmente) a história. Segundo Oscar Tacca:

O narrador refere, conta o que sucedeu e o que disseram os personagens da sua história, mas – buscando uma maior garantia e fidelidade, ou simplesmente um maior efeito ao introduzir uma voz – interrompe-se e reproduz a palavra do personagem!” (TACCA, 1986, p. 66).

Isso nos leva a refletir que desde a infância aprende-se que em toda história há um alguém que está contando um enredo. Muitas vezes, não se sabe o nome do dono dessa voz, mas se percebe que lá está ela, narrando os mais belos textos literários. E isto não ocorre apenas na literatura. O narrador se faz presente no dia a dia, até no ato de se contar uma história inventada, para construir uma trama convincente ou ao se contar algo que, mesmo que tenha acontecido, é exagerado com fragmentos excessivos, que porventura buscamos nos elementos de outras histórias.

O narrador é o primeiro personagem que o leitor conhece antes de reconhecer os protagonistas e demais figuras de um romance. É necessário lembrarmos que o narrador, enquanto narrador (pois há personagens-narradoras) não é propriamente uma personagem, mas sim uma persona vocal, uma personalidade locutora. Isso posto, já é hora de dizer que, assim como o ente narrador não se confunde com o ser do escritor, a voz narratorial não se confunde com a voz escritoral, sendo personalidades e vozes distintas.

Assim como nas histórias que ouvimos no dia a dia, temos a tendência de confundirmos passagens da vida pessoal dos contadores com suas narrativas; muitas vezes, em nossas leituras confundimos o escritor de carne e osso com o autor que eventualmente fala no texto ou, mais frequentemente, com o narrador. Todavia, os estudos literários nos ensinam que esses são entes narrativos diferentes e são distintas suas vozes na sinfonia do texto literário.

O estudo que nos permite distinguir os efeitos provocados na história pelos diferentes tipos de narradores e as técnicas por eles mobilizadas pertence ao campo da narratologia, a qual, segundo Culler (1999) é “um ramo ativo da teoria literária” que “tenta compreender os componentes da narrativa enquanto analisa como narrativas específicas obtêm seus efeitos”. (CULLER, 1999, p. 85). Para o pesquisador de literatura é importante saber distinguir, na sinfonia de vozes do texto, qual delas pertence ao narrador, ao autor, à personagem e ao escritor, pois cada uma delas possui suas particularidades, tendo funções distintas em uma narração literária. Para que isso fique mais claro, façamos uma rápida consideração sobre a natureza da narração.

A narração mostra ao leitor as descrições das ações corridas no texto e o discurso dos personagens, como afirma Bakhtin quando diz que, “em linhas gerais, a narração se desenvolve entre dois limites: entre o discurso secamente informativo, protocolar, de modo algum representativo, e o discurso do herói” (BAKHTIN, 2010, p. 290). Para Bakhtin, portanto, a representatividade está no próprio da personagem, a quem ele chama de herói, e não no que é próprio do narrador, que se constituiria muito mais em um exercício pragmático e referencial. Já para o narrador é de suma importância, pois sua voz é “a única realidade do relato. É o eixo do romance. Podemos não ouvir em absoluto a voz do autor nem a dos personagens, mas sem narrador não há romance” (TACCA, 1983, p. 65). Para atestar essa afirmação, atenta-se aqui para a voz do narrador de *Cais da sagração* no seguinte trecho do romance de Josué Montello:

Em frente à porta do consultório, Mestre Severino hesitou, intimidado ao ver sentados num banco de pau, ao longo do corredor comprido que ia ter a sala do doutor, os doentes que esperavam a vez da consulta. Sentar-se ali, também ele? Parou na soleira de pedra, pôs-se a limpar as alpercatas no capacho de ferro, apalpou o bolso traseiro da calça em busca do cigarro e da caixa de fósforo, vendo que todos os olhares se tinham voltado em sua direção. (MONTELLO, 1971, p. 30).

Percebe-se na citação que o narrador conta ao leitor o passo a passo de seu personagem, mostrando tanto as suas ações diante do corredor para consultas, até suas impressões (fornecidas via discurso indireto livre) ao perceber o olhar dos pacientes em sua direção. Sem a intermediação da voz do narrador, o drama silencioso do velho encabulado e orgulhoso não poderia ser sugerido com tanta eficácia, visto que se trata de alguém que teria dificuldade em verbalizar seus assombros íntimos.

Destarte, ao narrador cabe a “narrativa” (no sentido de condução) dos fatos que vão se desenrolando ao longo da trama e perante os olhos e ouvidos do leitor. Esse papel está tão ligado à natureza do ente narrador que se pode até perceber que dificilmente ele apresenta a si mesmo como narrador da história¹, porque seu único objetivo é narrar, levando toda a atenção para o que descreve e relata. É a voz narrativa que dá a entonação, o suspense, a alegria ou a tristeza

necessária para causar os impactos na mente do leitor. Por sua vez, a personagem está sempre concentrada em sua própria existência, não atentando para os efeitos do que estamos lendo. Essa postura da personagem é tão distinta da do narrador que pode ser encarada como o critério de diferenciação entre esses dois entes narrativos e suas distintas vozes, conforme Carmo Gomes: “o narrador, por seu turno, dedica-se ao ‘enredo’ e aos arranjos narrativos enunciados de maneira inequívoca. Sua função é trabalhar para o espetáculo” (CARMO GOMES, 2014, p. 164). E esse espetáculo é que faz o sucesso da obra literária, uma vez que, é o narrador quem vai prender o leitor ao livro. Crê-se que pouco adianta uma história construída com personagens marcantes, sem uma voz que narre com todos os adereços necessários para dar realce aos passos de tal história.

Quando se lê *Cais Sagração* de Josué Montello, percebe-se as peculiaridades da voz do narrador, a qual conta, de início, o problema cardíaco de Mestre Severino, descrevendo pormenorizadamente a forma como a personagem sentia as dores no peito e a falta de ar nos pulmões da personagem. Ao continuar lendo a narrativa, ver-se também que o narrador conhece, e deseja nos dar a conhecer, as falas, as pausas, as posturas de cada personagem, como se atesta no fragmento abaixo:

— Sinto a casa jogando, como um barco em alto mar — confessou ele à Lourença num desses acessos. Após um silêncio a velha procurou acalmar o companheiro, vendo-o ainda lívido, ao tentar sorver o ar que lhe fugia:
— É a força do costume, Mestre Severino. De tanto viajar, seu corpo pensa que está no barco quando está na terra. Isso passa. Infelizmente não passa. (MONTELLO, 1971, p. 26).

No universo do texto pode-se observar a princípio que, o narrador conhece profundamente os personagens da obra; ele tem conhecimento de tudo o que aconteceu e do que acontecerá. O narrador envolve o leitor desde o princípio com as características dos problemas de saúde de Mestre Severino até o temor de Lourença.

A obra *Cais da Sagração* está repleta do eco da voz do narrador, contudo, ninguém o conhece. Por muitas vezes, existem fatos que o escritor Josué Montello vivenciou; pensa-se logo que quem está narrando é Montello, o imortal da Academia Brasileira de Letras, contudo, o estudioso da temática da voz, logo percebe que se trata de uma pessoa totalmente diferente.

Ainda falando sobre o conhecimento onisciente do narrador da obra em estudo, aprecia-se abaixo mais uma de suas interferências:

— O que achou de mim, doutor?
O Dr. Estêvão rodeou a mesa, acomodou-se na cadeira de espaldar, pôs-se a bater no

¹ Segundo Carmo Gomes (2014), quando o narrador chama excessivamente a atenção para a sua pessoa, acaba desaparecendo como narrador (ou como função narrativa) e dando lugar à sua personalidade, ou seja, sua existência enquanto personagem.

tampo de vidro com a ponta da caneta, e respondeu com outra pergunta:

— O senhor não tem quem viaje em seu lugar, Mestre Severino?

— E eu não posso viajar?

— Tenho de ser franco com o senhor. O meu bom amigo tem uma lesão no coração, e não é pequena [...] (MONTELLO, 1971, p. 41-42).

Atenta-se para a posição do narrador. Seu posicionamento é visível desde o ato de descrever a forma de andar do médico, narrando o tamborilar da ponta da caneta na mesa, mostrando um gesto de preocupação do médico para com seu paciente.

Ao observar bem o enredo da obra, logo se percebe que a voz da personagem Vanju pouco aparece; a história macabra de seu assassinato é contada por Mestre Severino. Conhece-se um pouco de Vanju pelo que o narrador conta; é ele que faz a ponte entre o leitor e a ex-meretriz. Todavia, mais à frente se falará sobre a voz de Vanju; por hora, basta saber que o narrador de *Cais da Sagração* é o grande arauto da narrativa de Josué Montello.

Montello utiliza o discurso direto em toda a sua obra. Assim, cabe aqui, então, falar um pouco sobre a função dos verbos e, para isso, recorre-se a explicação de Travaglia de como eles devem ser usados dentro de uma narrativa:

a) Introduzir falas, permitindo que se descrevam entonações, tons, altura de voz etc., da fala, que não podem ser reproduzidos na língua escrita (sussurrar; sibilar; gritar; pedir num gemido; chamar desesperado, feliz, ansioso, calmamente etc.); b) dizer o tipo de fala que se produz (perguntar, responder, redarguir etc.); c) instituir perspectivas em que se deve tomar a fala (segredar, instilar, acalmar etc.). (TRAVAGLIA, 2007, p. 164).

O narrador de *Cais da Sagração* pouco utiliza os verbos dicendi para marcar a sua presença, muitas vezes a pergunta com utilização dos verbos está oculto dentro do texto narrado, como se atesta na passagem seguinte: “E abrindo o fecho da batina a altura do pescoço: — Mas antes me dê um copo de água, e água bem fresca para aliviar o calor da caminhada até aqui”. (MONTELLO, 1971, p. 75). O mesmo ocorre em outro trecho do livro, quando do diálogo entre Pedro e Lourença: “Ele pedia água para beber; mas a velha, depois de apalpar-lhe a testa, adivinhava o seu pavor. — Não é sede que tu tens — ralhava ela, compondo-lhe o lençol — É medo. Mas homem não tem medo. Deixa disso” (MONTELLO, 1971, p. 100). Nestes dois fragmentos é possível observar que os verbos empregados para introduzir a fala de cada personagem, praticamente não existem. Nos dois casos cabia usar, por exemplo, os verbos dizer ou declarar, mas o narrador suprime-os sem que o leitor sinta falta deles.

3 A VOZ DE VANJU EM *CAIS DA SAGRAÇÃO*

O leitor que se debruça sobre a leitura de *Cais da Sagração*, logo se depara com o adultério do personagem principal, o Mestre Severino, barqueiro muito conhecido tanto na cidade onde residia, quanto na capital São Luís, no bairro da Praia Grande. Foi exatamente na capital do estado que deu início a um caso amoroso e o que é pior, com uma meretriz por nome Vanju. Esta, por sua vez, torna-se a mulher mais feliz do mundo, afinal de contas, deixará a vida de prostituição e finalmente terá um lar e um marido para chamar de seu.

Daí em diante o leitor começa a perceber que aquilo que era sonho torna-se pesadelo na vida dela, pois o homem que dizia que a amava acaba assassinando-a de forma premeditada, nas águas do mar. A partir de então, o leitor passa a ouvir duas vozes, a do narrador e a de Mestre Severino, que vai contando os fatos como tudo aconteceu, ou seja, ele oferece ao leitor o seu posicionamento, a sua visão dos fatos e não a visão da mulher que foi assassinada.

Destarte, este capítulo vai buscar nas entrelinhas da obra a voz de Vanju, procurando a sua versão sobre a trágica história de sua vida ao lado do barqueiro, Mestre Severino. Só assim, será possível entender os fatos com outra visão e não apenas de forma parcial, como a maioria dos leitores desta obra conhece.

3.1 Vanju: pela boca alheia

Até aqui este estudo se debruçou sobre o conceito de voz narrativa abrangendo as vozes do escritor, autor, narrador, personagem e leitor, entre outros assuntos que são pertinentes ao tema. A partir deste capítulo passa-se a estudar a voz da personagem Vanju - a prostituta que entrou na vida do barqueiro Mestre Severino para tornar-se sua esposa.

Esta personagem emblemática da obra *Cais da Sagração* já fora tema de estudo de muitos pesquisadores, inclusive na área jurídica a exemplo do trabalho, “*Eu não deixo mais que tu sejas de outro homem*”: a violência contra a mulher como violação dos direitos humanos em *Cais da Sagração*, de Josué Montello, de Mauro Cezar Borges Vieira (2022), uma vez que, a mulher foi brutalmente assassinada nas águas do mar; um caso de feminicídio ou uxoricídio já que ela foi morta pelo próprio marido. Essa temática nos chama a atenção porque, casos como o dela continuam acontecendo e com muita regularidade no Brasil, mesmo com ações de prevenção e de combate desenvolvidas pelos governos das três esferas; ainda assim há um alto índice de violência e morte contra a mulher, sendo cometido pelos seus próprios companheiros.

Todavia, este trabalho se torna importante porque a voz de Vanju ainda não é estudada, muito embora exista inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a obra *Cais da Sagração*. Vanju e demais personagem precisavam de um estudo que atentasse para a sua voz, que a princípio foi silenciada com sua morte, mas para aqueles que labutam com a palavra, sua voz continua a ecoar como um pedido de socorro em cada mulher que tem sua fala suprimida pela violência e agressão de seus cônjuges ou companheiros que agem da mesma forma de Mestre Severino.

Durante a leitura da obra percebe-se, que Vanju sofreu menos que Lourença, seu sofrimento se configura na sua morte premeditada de forma fria e calculista. Mas ao estudar a sua voz, percebe-se que ela é carregada de silêncio, portanto, é preciso encontrar a voz dessa mulher, mesmo que ela não pronuncie palavras, mas precisa-se encontrar vestígios de sua voz, de seu pensamento para assim se conhecer quem de fato era Vanju. Ela realmente mereceu ser assassinada com tanta crueldade? Ela teria verdadeiramente traído o marido, Severino? Até onde o posicionamento de Vanju de não ter outro filho de Severino teria contribuído para seu assassinato? Se não existisse um acordo de assassinato em caso de traição feita pelo casal, teria impedido a morte da mulher? Quem está falando pela voz da esposa de Severino? Como o narrador fala a respeito de Vanju? E os demais personagens, o que falam sobre ela, antes e depois de seu assassinato?

Será neste capítulo respondida essas e outras perguntas ou talvez não, pois há na narrativa fatos que ficarão na obscuridade e outros que a própria voz de Vanju irá responder. O importante é que a voz da mulher será ouvida nessa dissertação e com certeza trará a luz novos estudos sobre a personagem que marcou a obra *Cais da sagração* de Josué Montello.

Atenta-se agora para a voz do narrador sobre Vanju, aqui será possível observar o posicionamento do narrador com relação a esta personagem.

3.1.1 Narrador (discurso indireto; comentários valorativos; descrição sobre Vanju)

Aquele que ler *Cais da Sagração* logo no seu segundo capítulo é surpreendido com a frieza de Mestre Severino, este que deixa em casa a então mulher, Lourença, e ruma para a capital do estado do Maranhão, São Luís, onde encontra uma meretriz e casa-se com ela no civil e no religioso.

Sabe-se que as meretrizes eram mulheres que sempre foram mal vistas diante da sociedade, mesmo assim, elas nunca foram esquecidas na literatura. Com diferentes nomes elas sempre apareciam nos romances literários e nos históricos. Um dos primeiros livros é a *Bíblia Sagrada* (BÍBLIA, 1990, GÊNESE, p. 38, 1-30), logo no livro, o de Gêneses com a história de Judá e Tamar; Tamar entregou-se para seu próprio sogro, chegando a ser confundida como uma

prostituta.

Observa-se a citação abaixo onde mostra um pouco sobre a existência da prostituta e do comportamento patriarcal, para só então se tecer comentários sobre a obra *Cais da Sagração*:

Como a profissão da prostituição, a divisão das mulheres em esposas e prostitutas é tão antiga quanto a história (patriarcal). Foi na antiga Suméria, em torno de 2000 a.C., que surgiram as primeiras leis segregando as duas. O código de Lipit-Ishtar estabelecia que: “Se a esposa de um homem não tiver lhe dado filhos, mas uma prostituta da rua tiver lhe dado filhos, ele deve prover essa prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que a prostituta gerou serão seus herdeiros, mas enquanto a esposa viver, a prostituta não deverá morar na casa junto com a esposa” (ROBERTS, 1998, p. 27).

O caso das chamadas cortesãs é muito antigo, e Josué Montello não poderia deixar essas mulheres de fora de sua obra. Vanju como qualquer meretriz chamava a atenção de todos pela sua beleza de alto a baixo. Mestre Severino (que de acordo com a obra deveria ter um pouco mais de três décadas de existência), ficou encantado com essa beleza e não pestanejou em pedir a mão da mulher em casamento. Tanto que no dia da cerimônia “com uma graça estudada de atriz no palco, ofereceu o braço a Mestre Severino, que entreabria a boca extasiado com a beleza e a graça da companheira” (MONTELLO, 1971, p. 32). Cortesã tinha que ter beleza e tinha que dar prazer ao homem como a mulher de casa não sabia dar.

Algumas situações de relacionamento carnal, só os homens poderiam saber, nunca a esposa; mas com a meretriz isso poderia acontecer, era normal que acontecesse, porém, no caso de Mestre Severino, isso fez com que ele resolvesse casar com a mulher. E a grandeza do barqueiro se dá com o fato de ele se casar com essa meretriz, ignorando o passado em um prostíbulo e as noites quentes com outros homens. E após isso, ele ignorou o código de Lipit-Ishtar e levou a mulher para morar sob o mesmo teto que a outra, a Lourença, a qual era estéril. Todavia, este é um assunto para outro tópico, por hora basta dizer que a ex-meretriz obteve com o casamento com o barqueiro, um nome, uma casa e regalias que a outra não possuía.

Observa-se aqui como o narrador fala sobre a beleza de Vanju através do olhar de Mestre Severino:

Já agora fascinado pela perfeição de seu corpo, pela graça de seu rosto, pela maciez de seus pés pequenos, pela tonalidade de sua pele morena realçada pelo sinal do canto da boca. E que olhos, meu Deus! Pareciam recolher toda luz da manhã, retendo-a consigo numa fulguração irisada, debaixo do arco natural das sobrancelhas. E tinha ainda uma particularidade difícil de definir, quando se acomodavam no canto das órbitas, com uma expressão entre brejeira e pensativa, o rosto inclinado, a meio caminho do riso solto que lhe queria sacudir todo o corpo [...] os cabelos soltos a tornavam mais bela e desejável, ele reconheceu que era agora outro homem e que a sua vida tinha mudado (MONTELLO, 1971, p. 34).

O narrador utiliza o discurso indireto para falar a respeito de Vanju. Aqui é visível que é o pensamento ou melhor dizendo é a cena que Mestre Severino viu e não falou porque não lhe cabia naquele momento. O narrador parece idolatrar a mulher que seduziu o barqueiro,

tecendo os mais belos comentários descritivos sobre a beleza de seu corpo, ao ponto de revigorar a masculinidade de Severino. A exemplo disso, logo no início do segundo capítulo, o narrador venera a mulher com esse comentário: “a verdade é que seu rosto, com um sinal no canto da boca, o ar brejeiro realçado pela inclinação dos olhos, fartos cabelos negros, tinham ficado mais bonitos” (MONTELLO, 1971, p. 31).

Outro momento de culto a Vanju e toda a sua beleza, se passa quando o narrador se põs a observar o cotidiano da mulher desde o nascer do dia, passando pelo banho e de como ela se vestia, estas observações que evocam os valores da esposa de Mestre Severino são narradas da seguinte forma:

Acordava tarde já com o sol alto, cuidava muito das unhas, levava mas de uma hora no banho cheiroso, perfumava-se com água-de-colônia, esquecia-se das horas a se olhar no espelho grande da penteadeira, todos os dias trocava de vestido. E eram muitos, valha-me Deus! E de todas as cores. Uns finos, que dava gosto afagar com a ponta dos dedos; outros de tecido esponjoso, que a gente embolava na mão e não amarfanhavam. Qualquer que fosse a cor da fazenda — mesmo a das quaresmeira — sentava com Vanju. E como a moça mudava de penteado, minha Santa Luzia! Ora de cabelos soltos, que se derramavam para as espáduas, apenas com um pente grande no alto servindo de enfeite; ora com uma titã larga, de aço, que os prendia à altura do pescoço; ora topete levantado, com uma porção de grampos por dentro; ora de bombochas, que lhe arredondavam o rosto, sem conseguir enfeia-la. (MONTELLO 1971, p. 54-55).

E não para por aí, ao longo da narrativa essa beleza mesclada do asseio diário, coisa que a outra não tinha, (pelo menos não é visto na narrativa) deixava Mestre Severino ainda mais apaixonado por ela, e a velha Lourença impressionada, boquiaberta e magoadá consigo mesma por não saber se portar da mesma forma. Contudo, nem de longe a Lourença poderia se equiparar com a bela Vanju, seu tratamento com a beleza era outro. O que é estranho, porque de acordo com a historiadora Mary del Priore, “a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato. Esse sistema de correlação estruturava a sua imagem; ele desenhava o destino da mulher votada à miséria e à morte precoce” (DEL PRIORE, 2011, p. 89). Fora o fato de ter a morte antecipada, Vanju era totalmente diferente do que a historiadora descreve.

3.1.2 Narrador (discurso direto; comentários valorativos; descrição sobre Vanju)

Observa-se no texto que em nenhum momento o narrador faz críticas pelo fato de Severino se juntar e se casar com uma prostituta, ele não tece nenhum comentário que a desvalorize ou que não exalte a sua figura, muito pelo contrário, a descrição que o narrador faz em relação a ex-meretriz é de uma beleza sem igual. Só que ele faz isso, através dos olhos de Mestre Severino, a impressão que o leitor tem é a de que o narrador vai lendo o que está

escrito no olhar do barqueiro. Vejamos como ele fala sobre Vanju:

Nunca Mestre Severino tinha visto uns seios como os da Vanju, rijos, altos, mamilos pequeninos [...] nem se recordava de outra cintura como a dela, de curvas tão suaves, o umbiguinho quase oclusos, quadris cheios, o risco leve de uma cicatriz por cima do sexo, as coxas unidas, talvez um pouquinho grossas, logo resvalando docemente para os joelhos, toda nudez em volta pela tez de tom uniforme, mais róseo que moreno queimado, sem uma só mancha, o pêlo macio a arrepiar-se [...] (MONTELLO, 1971, p. 35)

A exaltação feita pelo narrador utilizando o olhar de Mestre Severino é tão bela que chega a ser dolorosa quando comparada com a que ele faz sobre Lourença pelo fato desta ter chegado na terceira idade. “O ofício de Vanju era apenas ser bonita” (MONTELLO, 1971, p. 54), essa era a expressão que o narrador dizia sobre a prostituta, e parece que aos olhos do barqueiro, a mulher era a mais pura de todas, parecia até que não tinha saído de um prostíbulo e sim de uma casa de família com a benção dos pais da moça.

De acordo com a descrição do narrador, Vanju desfrutava de uma vida digna de uma rainha dentro da casa, imersa em uma rotina onde a ociosidade parecia ser seu maior afazer. Ele narra que Vanju se dedicava a atividades leves e prazerosas:

Ela se ocupava em adornar-se ou se deleitava folheando revistas, confortavelmente acomodada na cadeira de balanço da varanda, ou então vagava pelos cômodos com a lentidão e a preguiça característica de uma gata bem-cuidada, deixando um rastro de perfume por onde passava (MONTELLO, 1971, p. 55).

Nada lhe faltava, visto que o barqueiro fazia questão de trazer-lhe mimos e diretamente da capital, São Luís. No entanto, havia uma única restrição imposta a ela: estava proibida de se aproximar da janela para observar a rua. Curiosamente, essa única proibição, a qual ela respeitou por alguns dias, acabou por ser o elemento catalisador de sua ruína como se observará mais adiante neste estudo.

Mas voltando a falar da exaltação do narrador, como fora dito, ele só traça linhas de encanto pela ex-meretriz, porque não há na mulher uma mancha que deforme a formosura dela. Pelo menos nesse aspecto não há o que se reclamar. Porém a Vanju não tinha jeito para a maternidade, ou seja, para ser aquilo que Mestre Severino mais queria, mãe de seu filho, afinal de contas ela era uma ex-prostituta, outro problema é que Vanju não tinha deixado para trás a sua vida de certas mordomias, as mesmas que tinha a famosa cortesã Lúcia, personagem do clássico *Lucíola*, de *José de Alencar*. Ser mãe, certamente não estava nos seus planos.

Com a chegada de Vanju, Lourença silenciou e em nenhum momento procurou um diálogo com a mulher, e aquela situação já estava praticamente enlouquecendo a ex-prostituta, que debalde tentava conversar com a concubina de Severino. É de certa forma compreensível o fato, afinal de contas o homem que Lourença teria se tornado escrava, deixou-a por outra que agora tentava se tornar sua amiga, o orgulho feminino não suportaria esse tipo de atitude.

O narrador observava essas tentativas que eram diárias, a pobre da Vanju já começava a entrar em uma espécie de desespero e como uma louca resolveu ignorar o posicionamento da Lourença e teve a seguinte atitude, como o narrador descreve:

E de repente, noutra tarde, a Vanju voltou ao quarto, sentou de novo no mocho de pau, cruzou as pernas e começou a contar sua vida, rindo alto, derramadamente, a achar uma graça maluca de si mesma, enquanto a Lourença dava mais velocidade aos dedos, fechada em si firmemente calada, sem desviar os olhos da renda de bico que ia crescendo em cima da almofada (MONTELLO, 1971, p. 56-57).

A Vanju ao que parece era uma moça inocente, não via maldade no fato de entrar na vida de duas pessoas que estavam juntas já há algum tempo. O que importava para ela era ter saído de um prostíbulo, ter casado, tanto no cartório, quanto na igreja, e viver sem ao menos trabalhar, fazendo apenas aquilo que sempre fez, dar prazer aos homens, no caso agora a um só homem, Mestre Severino. Não parecia um matrimônio, mas sim um contrato de convivência que eles haviam feito.

Quando do nascimento de Mercedes, Vanju parecia não se encontrar no corpo de mãe, deixou que a filha fosse amamentada por outra mulher, como afirma o narrador:

Como a Vanju havia prevenido, ainda em meio da gravidez, que não amamentaria o filho, para que este não lhe deformasse os seios, a amiga Noca trouxe consigo a Felícia, gorda bochechuda, peitos imensos, com a vantagem de morar na mesma rua e poder acudir à Mercedes, sempre que a menina reclamasse leite, fosse dia ou fosse noite (MONTELLO, 1971, p. 61).

Como se não bastasse, a ex-meretriz revelou para Lourença sua ineptidão em lidar com a criança, sequer conseguindo segurá-la nos braços. Como resultado, a menina foi transferida do quarto dos pais para o de Lourença, que assumiu integralmente os cuidados da criança. Tal situação revela que Vanju não estava ali para exercer o papel de mãe, mas simplesmente para procriar, atendendo ao desejo fervoroso de Mestre Severino por um filho. Surpreendentemente, o barqueiro parece não se incomodar com a negligência de Vanju, possivelmente porque a criança é do sexo feminino e não correspondeu as suas expectativas. Portanto, ele demonstra pouco interesse pelo bem-estar da menina, alimentando a esperança de ter um filho homem no futuro. No entanto, seus anseios são frustrados e a tragédia se avizinha rapidamente à beira-mar.

Depois que teve a criança, assim como ocorre com algumas mulheres, o corpo da cortesã começava a ser modificado, mas nada que dizimasse sua beleza, como o próprio narrador confirma: “A maternidade havia arredondado o corpo da Vanju, sobretudo a altura dos quadris, mas seu semblante parecia mais novo, a pele macia, os olhos rasgados, e ela sorria para a claridade alta, dando ao seu andar um ritmo contente” (MONTELLO, 1971, p. 307).

Infelizmente, todas essas características tecidas pela voz do narrador; sobre a

personagem foram destruídas com requintes de crueldade, de forma premeditada pela personagem, Mestre Severino. Ele descreve a agonia de Vanju na hora da morte da seguinte forma:

E então Mestre Severino, receando fraquejar na sua determinação obstinada, mergulhou-a num só impulso, fletindo as pernas, como se fosse sentar. Ela reagiu, atirando o corpo para cima, e ainda o seu rosto moreno aflorou à tona das águas, os olhos crescidos, num brilho de pavor nas pupilas. Mas logo ele andou outro passo, em busca de lugar mais fundo, e tornou a emergi-la. Com a cabeça da Vanju submersa, firmou bem os pés e os braços, até sentir que ela ia se aquietando. Tardou uns momentos com o corpo imóvel, por fim o trouxe à superfície, e pôde ver, na fisionomia parada, que seus belos olhos não se retraíam mais com a luz do sol. (MONTELLO, 1971, p. 308-309).

É assim que o narrador apresenta Vanju com seu discurso direto, seus comentários valorativos, sua descrição e a forma triste em que teve sua vida ceifada. Observa-se que era uma mulher que só queria mudar de perspectiva de vida, por causa da que ela levava, de uma simples cortesã da capital São Luís.

De acordo com a historiadora Mary del Priore, “Considerado por uns uma fábrica de fantasias eróticas [...], o bordel foi o espaço em que os prazeres menos confessáveis afloravam escondidos de toda publicidade” (DEL PRIORE, 2011, p. 85). Esse cenário tinha ficado para trás quando Vanju se casou, mas na mente de Mestre Severino ela teve uma recaída pelo promotor do lugar, embora o narrador não afirme isso. Sobre esses fatos, parece que o narrador se esquivava e põe os personagens para falar. É exatamente aqui que se se conhecerá Vanju sob a ótica dos outros personagens.

3.1.3 Vanju pelos olhos do barqueiro Mestre Severino

Logo no início do segundo capítulo de *Cais da Sagração*, Mestre Severino se mostra apaixonado pela mulher que ele retirou de um prostíbulo da capital maranhense para casar-se com ele. Em sua forma rude de ser ele tece belos elogios a fim de encantar mais a sua esposa, já que o mesmo tinha casado no civil em São Luís, veja como isso acontece:

3.1.3.1 Eu acho que você, aqui na minha terra, onde não chegou luz elétrica, vai ser a primeira mulher a andar na rua de chapéu [...]

3.1.3.2 Estou pensando como é que vai ser quando você entrar na igreja. Antes de você chegar a pisar na porta, já tem gente de pescoço torcido, de tanto olhar para trás, e com o olho arregalado! Nossa Senhora! Vai-se falar mais de você com esse chapéu, do que se falou do último cometa! (MONTELLO, 1971, p. 31).

Certamente ele estava falando do cometa Bennett que pôde ser visto a olho nu no ano de 1970, e repare, são nos pequenos detalhes que se observa a atitude das pessoas, realmente, a passagem de Vanju pela terra de mestre Severino pareceu a de um cometa, foi rápida,

provavelmente menos de dois anos, mas a história trágica da mulher ficou conhecida por todos.

Outro detalhe que chama atenção é a manifestação de orgulho que o homem tem porque a sua esposa será a primeira a andar de chapéu vermelho de abas grandes, nas ruas da cidadezinha, coisa que só acontecia nas cidades mais desenvolvidas, certamente chamaria atenção de todos porque o chapéu mostrava o status e riqueza de determinada pessoa, ou seja, não era apenas para proteger do sol. Sem falar do fato de que Vanju estava toda coberta de joias, broches, colar, camafeu, pulseiras e anel.

Aquilo tudo que se estava vivenciando deixava Mestre Severino envaidecido, afinal de contas uma mulher como aquela não havia na sua terra natal; o problema é que a beleza que só Vanju possuía; poderia despertar não apenas inveja e despeito das outras mulheres, mas também a cobiça dos outros homens, o que conseguiria deixá-lo com um ciúme doentio. No entanto, naquele momento, isso não passava pela sua mente; apenas a felicidade de tê-la consigo.

O barqueiro estava cegamente apaixonado por Vanju, tanto que chegou a pedir ao padre que celebrasse o seu casamento com ela ao estilo tradicional, ou seja, com a mulher vestida de véu e grinalda e não pestanejou em advogar a causa da ex-meretriz como se essa fosse uma virgem:

3.1.3.3 Ela está pura de novo, padre, posso lhe garantir. Então o senhor acha que eu ia dar o meu nome a ela, com tudo escrito no livro do Juiz, sem ter certeza que o passado dela ficava enterrado? De modo nenhum. Por ela, hoje, meto a minha mão no fogo. A Vanju só se fez mulher-dama por culpa da família. Foi a família que empurrou ela para a perdição. Agora é outra pessoa. Tão pura como qualquer donzela. (MONTELLO, 1971, p. 32)

A frase em que o barqueiro afirma que meteria a mão no fogo pela dama porque, agora para ele estava pura, parece frase típica de um conto de fadas. Um discurso encantador, que apesar de não comover o padre, fez com que o pároco realizasse o casamento, mesmo sem os aparatos que a mulher queria. O barqueiro chegou a culpar a família de Vanju por ela ter se tornado uma prostituta; o que pode ter sido confessado a ele pela ex-meretriz. Mas até que ponto essa versão é verdadeira, uma vez que, não há outro relato parecido? O passado de Vanju antes dela surgir na vida de Mestre Severino, não é visto na obra, pelo menos não é descrito, o que há é apenas uma afirmação dele convidando-a para tornar-se sua esposa, logo após ela narrar um pouco de sua vida, como se atesta na citação: “— Vais ser — disse ele, prendendo-lhes as mãos ainda compadecido da vida de infortúnios que ela lhe contara — E hás de ter outra vida” (MONTELLO, 1971, p. 35). Apenas isso, mas que tipo de infortúnio seria esse? Não se sabe, o que é possível afirmar é que a voz do narrador, não cita absolutamente nada que insinue uma imposição familiar para que Vanju se tornasse uma meretriz. E a voz da personagem Vanju

mostra que ela sentiu mais prazer em causar inveja nas mulheres que residiam na pensão junto a ela, do que propriamente felicidade ao se libertar da vida que levava.

O homem parecia desesperado para realizar o desejo da amada, ele por ter uma reputação de homem trabalhador, que todos conheciam, tentava convencer o padre de que a mulher era uma donzela, chegando até ser um discurso piegas, pois a mulher oriunda de um prostíbulo, onde ela se entregava a homens que pagavam para ter prazer carnal com ela, não poderia da noite para o dia ter sua honra restaurada como um passe de mágicas. O padre conhecedor do pecado da luxúria, não atendeu ao pedido logo de primeira, o casamento só fora realizado porque Mestre Severino insinuou que tal prática já havia sido feita pelo pároco com uma mulher gestante. Só depois disso o vigário realizou a cerimônia, sem o véu e a grinalda, como Vanju tanto queria, ou seja, sem a simbologia da riqueza e sem a simbologia da vida de solteira para casada.

Afora isso, de acordo com a historiadora, Mary del Priore, a grinalda, que era uma simples coroa de flores sobre a cabeça da noiva, tinha outro significado, que era da tradição “bizantina e tem por função atrair proteção divina. As flores brancas, em particular as de laranjeira, símbolo de virgindade e fecundidade, eram obrigatórias no passado. A França exportou a moda para o Brasil no século XIX” (DEL PRIORE, 2014, p. 57). A princípio tudo isso parece irrelevante, mas quando o estudioso se debruça sobre os simples detalhes vai entendendo o caminhar do romance de Montello e a razão dos fatos que se sucederam na vida de Vanju.

O amor de Severino aumentava ao ponto de ele afirmar: “— Para mim, é um sonho. De vez em quando tenho vontade de beliscar, para sentir que estou mesmo acordado” (MONTELLO 1971, p. 33). Uma prova de que todos os seus problemas sentimentais estariam findando naquele momento. Ele casado no civil e no religioso com uma mulher linda, atraente e que lhe daria o tão sonhado filho homem, que herdaria a profissão de barqueiro. Contudo, o casamento da mulher teria algumas ressalvas, Severino era um homem que honrava seu nome, a reputação de sua família, enfim, tudo. E casar com uma meretriz era um ato que de forma alguma seria concebido por qualquer um, por isso ele casou, mas fez algumas restrições, entre elas não ir para São Luís com Vanju.

Só não levei ela a São Luís, numa de minhas viagens, depois que nos casamos, porque isso mesmo tinha ficado assentado. Em São Luís, com o senhor está farto de saber, ela tinha sido mulher da vida. Era duro andar de braço com ela, encontrando na rua os homens com que a Vanju tinha dormido. Por isso eu disse a ela, com toda clareza, e ela me deu razão: “Você casa, mas nunca mais põe os pés aqui”. (MONTELLO, 1971, p. 110)

Uma cortesã casar era realmente o sonho de vida de qualquer uma, mas para o homem não era tão fácil assim e esse era um dos problemas, andar nas ruas ao lado de uma mulher que já tivera relações com vários homens. A voz de mestre Severino dizendo que ela aceitou é deveras triste, mostra a vergonha que o barqueiro sentia dela. Na verdade, ele só casou com Vanju porque sabia que ela não viveria naquele lugar, seria levada para outra cidade onde ninguém a conhecia e nem sabia quem era aquela mulher, pais, parentes etc. Ali ele iria refazer seus planos de vida, a mulher teria apagado seu passado malfadado e tudo ocorreria bem, teria filhos, netos, e poderia morrer tranquilamente em paz tendo a certeza de que a dinastia de barqueiro na sua família continuaria.

Depois do sonho realizado, as noites de prazer pareciam não findar, em especial os prazeres e regalias dela. Pela manhã a Vanju não fazia nada, vivia dentro de casa sem cozinhar, zelar pela casa, entre outras coisas, como o próprio Mestre Severino havia confessado a Padre Dourado:

— A casa e a cozinha não lhe davam trabalho: a Lourença cuidava de tudo, com a bondade que o senhor conhece. A Vanju, a bem dizer, não tinha com o que se preocupar: vivia como uma rainha, servida a tempo e a hora, e eu a lhe adivinhar os desejos, para fazer o que ela queria (MONTELLLO, 1971, p. 111).

Era tudo o que uma meretriz queria, um marido que lhe desse tudo, para que ela não pudesse mais vender seu corpo para ter o que desejava, ela mantinha uma vida sem trabalhar, sem ter responsabilidade de cuidar de uma casa, apenas amando seu marido, dando-lhe prazer sempre que este solicitava. E de certa forma, Lourença acabou contribuindo para tudo isso, uma vez que, por não ter onde viver, a mulher acabou virando uma espécie de empregada que não era remunerada, uma serviçal que continuou vivendo sob o mesmo teto com o homem que ela pensava ser seu marido e a real esposa do barqueiro. Talvez se Lourença não residisse naquele mesmo ambiente, certamente isso não aconteceria.

Atenta-se aqui para a citação abaixo:

É preciso varrer a casa? — Sim. — Sim. — Faze-a varrê-la. É preciso lavar de novo as tigelas? Faze-a lavá-las. É preciso peneirar? Faze-a peneirar, faze-a então peneirar. É preciso lavar a roupa? Faze-a lavá-la em casa. — Mas há a criada! — Que haja a criada. Deixa fazer a ela [a esposa], não por necessidade de que seja ela que o faça, mas para dar-lhe exercício. Faze-a vigiar as crianças, lavar os cueiros e tudo. Se tu não a habituas a fazer tudo, ela se tornará um bom pedacinho de carne. Não lhes deixes comodidades, eu te digo. Enquanto a mantiveres atenta, ela não permanecerá à janela, e não lhe passará pela cabeça ora uma coisa, ora outra. (SIENA apud DELUMEAU, 2009, p. 477).

Mestre Severino não conhecia os ensinamentos de São Bernardino de Siena, que em seus sermões alertava os maridos dos trabalhos domésticos que eles deveriam dar às suas esposas, ele era um divulgador da misoginia que tinha como alicerce a teologia. É claro que a

afirmação de Bernardino é no mínimo uma sandice, mas o fato de Vanju se esquivar dos serviços domésticos fez com que Mestre Severino começasse a ter fé em coisas que ele não via, mas que acreditava que estava acontecendo em sua ausência, como foi o caso do adultério.

Contudo, a vida de rainha continuava regada a presentinhos trazidos de São Luís, tudo para que Vanju se sentisse uma mulher feliz, mesmo estando praticamente presa na cidadezinha do barqueiro, longe de tudo aquilo que ela gostava de fazer, observa-se a seguinte fala de Mestre Severino:

— Tudo quanto uma mulher pode querer de um marido, eu dei à Vanju. Carinho, dinheiro, casa e comida, vestido novo, passeio, revista de moda, salto alto, chapéu, tudo ela teve de mim, neste ano e meio. [...] Eu sempre ia a São Luís, trazia para ela na volta, um bonito agrado: ora um vestido, ora um sapato, ora uma bolsa, e sobretudo revistas, muitas revistas para ela ter com que encher os olhos, quando eu andasse viajando (MONTELLO, 1971, p. 110).

Ela saiu de São Luís, mas a capital do Maranhão não saiu dela, para isso Mestre Severino estava atento, fazendo aquilo que nunca fez com a Lourença; na obra não existe nenhuma menção, nem de personagem, nem de narrador que afirme que o barqueiro tenha comprado alguma vez presentes para a mulher que residia ao seu lado antes da Vanju. Tudo isso era feito para que a mulher pudesse lhe dar um filho homem; assim, os desejos, os caprichos, que ele realizava, tudo era para que o herdeiro do Bonança viesse ao mundo.

O filho não demorou a chegar, afinal de contas Vanju era uma mulher insaciável como Mestre Severino mesmo afirma na confissão para o padre Dourado. Com vergonha de falar sobre suas relações com um sacerdote, o barqueiro afirmou:

3.1.3.4 De homem, com o perdão da má palavra, ela não tinha do que se queixar: quantas vezes fosse preciso, quantas vezes eu atendia, ela gostava sempre. Peço ao senhor que me perdoe, se lhe conto estas coisas, que só marido e mulher devem saber. Mas é preciso que eu lhe conte tudo, para que o senhor se ponha no meu lugar. (MONTELLO, 1971, p. 110).

Observa-se na citação acima que sexo não era problema, a própria voz da personagem diz isso; Severino afirmava que Vanju gostava, das noites de prazer ao lado do marido, inclusive a voz do narrador afirma isso quando falava sobre a reação de Lourença ao ouvir o som das noites de amor entre a ex-prostituta e o barqueiro: “De noite, recolhida no seu quarto, tapava os ouvidos com a rodilha do lençol, receando escutar os gemidos que viriam da alcova com a outra se entregando” (MONTELLO 1971, p. 54). Isso não é de admirar, afinal de contas ela já tinha o costume de diariamente ter a prática do sexo, agora só mudava porque era apenas com um parceiro. Para Mestre Severino aquilo era esplendoroso e ele acreditava ser também para ela, afinal de contas, como o homem mesmo disse ao padre Dourado, ela tinha vida de rainha.

Depois de algum tempo Vanju ficou grávida para a alegria de Mestre Severino que continuou a fazer os desejos da esposa. A gravidez da meretriz era a realização completa do sonho do barqueiro que só queria um filho para conseguir a felicidade plena, e para isso ele faria de tudo. Se antes ele a presenteava toda vez que viajava para a capital do estado, agora a situação era mais pegada, tudo o que ela queria ele realizava, pois vê-la feliz era seu único objetivo, afinal de contas, a mãe de seu filho, deveria ser tratado da melhor maneira possível. Observa-se na citação a forma que Vanju era tratada pelo barqueiro; ele confessa tudo ao padre da seguinte forma: “Quando ficou esperando a menina, aí mesmo é que me esforcei para fazê-la feliz. Manga, como o senhor sabe, só dá em dezembro. Em agosto, ela quis comer manga. Eu arranjei manga em agosto. Não preciso lhe dizer mais nada” (MONTELLO, 1971, p. 111).

Percebe-se que até o momento o homem era só “amor” por Vanju, não há uma vírgula contra a mulher, o discurso de Severino era de um marido que tinha certamente, esquecido a vida pregressa da esposa, a ela não havia acusação alguma, ele realmente a amava ou pelo menos, era isso que pensava, porque há ainda a dúvida desse amor, pois na verdade o que ele buscava era um filho, se o estudioso da obra não se atentar ao discurso do barqueiro, ele certamente vai ser induzido a acreditar em um amor dele pela mulher, mas ao fundo o que existia era o desejo da concepção de um filho que herdasse a profissão de barqueiro.

Outra coisa visível é que Vanju era uma mulher exigente, mesmo ela não indo para São Luís fazer compras, mas o marido fazia por ela, pelo menos é o que se percebe ao analisar a voz de mestre Severino quando fala sobre o que ele fazia para a agradar.

Antes que a filha do casal nascesse o tratamento de ambos era um, após o nascimento a situação foi totalmente modificada e a partir de agora observa-se os motivos dessas mudanças. Começa-se pelo nascimento da criança, ao contrário do que Mestre Severino queria, nasceu uma menina recebeu o nome de Mercedes. Um golpe que a vida deu no barqueiro, desiludido com o nascimento da menina, viu seu sonho de entregar o Bonança para o seu herdeiro, ir por água abaixo. Ao pedir outro filho para Vanju, ela negou totalmente, como afirma o barqueiro: “A Vanju deu para trás: que não, não aguentava outro parto, bastava o que tinha sofrido. Senti um aperto na garganta, o sangue me subiu, mas baixei a cabeça, lembrando os gritos dela na hora do nascimento da menina, e dei tempo ao tempo”. (MONTELLO, 1971, p. 111). Mais parece um marido complacente, é o que se pode dizer de Mestre Severino até esse momento. Nada disso, ele apenas respeitou o momento do pós-parto, onde qualquer mulher está em uma situação vulnerável, sensível a tudo, a qualquer coisa, tanto física quanto psicologicamente. A frase de Mestre Severino é: “Doeu um pouco, acabei achando um jeito de me conformar” (MONTELLO, 1971 p. 111). A pergunta que se origina diante dessa afirmação do barqueiro é a

seguinte: Que jeito? Mestre Severino era um homem de mais ou menos trinta anos de idade, e para alguém que é acostumado a sempre ter uma mulher ao lado para lhe satisfazer seus desejos, ficar sem relação sexual durante um período curto de mais ou menos quarenta dias, era algo que seria inimaginável. Outro ponto é que Severino vivia dentro de uma residência com duas mulheres, embora uma estivesse sem condições de manter relacionamento sexual, a outra não, Lourença estava perfeita para deitar-se a hora que o amor da sua vida bem entendesse, tudo isso acaba que fermentando a suspeita de uma possível traição por parte dele.

Depois de toda essa situação pós-parto, confessa Mestre Severino ao padre Dourado, que ele se desiludiu com Vanju ao reconhecer que ela não era boa mãe e não apenas isso, estranhou o fato dela não agir mais com ele da mesma maneira, ela já não se arrumava para ele, nem ia ao seu encontro quando o barqueiro chegava das viagens como outrora. Eis o texto abaixo que relata essa situação:

3.1.3.5[...] A Vanju mal olhava para a filha. Quem olhava era a Lourença. Tanto de dia quanto de noite. De madrugada, quando a menina chorava, não pense que era a mãe que se levantava para lhe mudar a fralda: era também a Lourença. A Vanju, dormindo estava dormindo continuava. Comecei a perguntar para mim próprio: se ela não ia mais me esperar, quando eu voltava de minhas viagens, para quem era então que vivia se enfeitando? Dias depois, caí em mim. Eu devia estar enganado. (MONTELLO, 1971, p.112).

O pico da tragédia já estava começando a aparecer justamente aqui. Observa-se o discurso de Mestre Severino, ele afirma que a mulher não dava a devida atenção a filha, havia por parte da Vanju um desleixo maternal, tanto que ela não se levantava durante a noite para amamentar a menina ou acalenta-la. O véu que cobria a visão do barqueiro em relação a mulher começou a ser rasgado, mas isso não se deu por uma preocupação com a menina, mas sim pelo fato do comportamento da mulher ter mudado. Porém, novamente questionamentos pairam nesse instante: Se Mestre Severino não se mantinha diretamente em casa, o que o levou a acreditar que ele estava sendo enganado? Acaso alguém contou sobre o comportamento de Vanju para ele nos dias que o mesmo viajava a serviço? Esse alguém teria sido a concubina, Lourença? Afinal de contas era ela quem cuidava da menina o tempo todo; e não apenas da criança, mas também da casa inteira. Teria sido ela em razão do seu ciúme?

Embora a afirmativa do barqueiro estivesse de acordo com a voz de Vanju, quando do fato dela não cuidar da criança, é preciso que se diga que essa situação foi contada a Lourença, como a própria Vanju delega o trabalho a outra da seguinte forma:

3.1.3.6 É você que vai criar minha filha. Eu sou a mãe, mas não tenho jeito. Você tem, e muito: a gente vê isso toda hora, principalmente na hora do banho. Nem pegar na menina eu sei: parece que o neném vai se quebrar no meio quando está na minha mão. Você, não: você sabe (MONTELLO, 1971, p. 61).

Faz-se aqui duas observações, a primeira é o fato de só Lourença saber que Vanju não queria ou não tinha interesse pela criança e que esse fato pode ter sido confidenciado a Mestre Severino, afinal de contas só três residiam na casa. Pode ter sido ela, mas não se tem a certeza disso. A segunda observação é que Vanju não tinha maldade no fato de não ser uma boa mãe, isso é visível quando da preocupação dela com a criança; ela tinha medo de segurar a menina e algo de ruim acontecer com a filha de seu marido. O que esperar de uma ex- prostituta, que ela se tornasse uma mãe e dona de casa da noite para o dia? Seria muita ingenuidade da parte do barqueiro, ora isso não passava na mente de Vanju; aliás, em nenhum momento mestre Severino disse a ela que ele queria um filho para herdar a profissão de barqueiro, nem o narrador disse isso no seu discurso, portanto, Vanju, foi de certa forma, iludida por mestres Severino. O filho teria sido uma consequência das noites quentes de amor que ele proporcionava a ela.

É preciso que se diga que toda mulher que contrai casamento, a tendência é constituir uma família, ou seja, passa a não ser apenas duas pessoas, mas três ou mais, que são denominados filhos. Mas Vanju parece não querer a consequência do matrimônio, que seria o de carregar em seu ventre um filho, coisa que ela sempre se esquivou, quando meretriz, usando os métodos da época. Agora casada, já não podia fazer isso, era necessário para o bem do matrimônio que um filho viesse à luz. Mary del Priore conta sobre isso da seguinte maneira:

A mulher que contrai casamento deve ser convencida das leis naturais e morais que a obrigam a exercer o círculo completo das funções de mãe. Se a isto se recusar, é que há uma falsificação de sentimentos contrariando as manifestações naturais e sacrificando o dever [...] aquela que não preenchesse os requisitos estipulados pela “natureza” era identificada com “anormal”, pecadora e criminosa. Não amamentar, não ser esposa nem mãe significava desobedecer à ordem natural das coisas. Punha em risco o futuro da nação! (DEL PRIORE, 2017, p. 404-405).

Vanju definitivamente não era uma mãe, como se atesta pelos fragmentos acima, quando ela se recusa a amamentar a sua própria filha, quando evita pegar a criança em seu colo e a deixa sob os cuidados de Lourença, quando desvia-se de ter outro filho com o barqueiro.

Contudo, o que mais chama atenção é o fato de que parecia que Vanju não amava a sua própria filha, ela não carregava o instinto materno. A criança parecia apenas um objeto que nascera de seu ser, e isso não fazia com que ela nutrisse o amor maternal, que é comum a toda mulher.

O comportamento de Vanju foi apenas o princípio da tragédia, a ponta do iceberg, a situação começou a ficar realmente complicada quando Mestre Severino se surpreendeu ao ver Vanju conversando com o novo promotor da cidade. Na fala do Mestre Severino ele profere a palavra “suspeita” três vezes da seguinte forma: “Na viagem, tive aqui comigo uma suspeita [...] O senhor vai me perguntar: que suspeita? Já lhe digo: a suspeita de que Vanju ia se

enrabichar por ele” (MONTELLO, 1971, p.112). É exatamente aqui que se encontra a dúvida que paira sobre toda a obra. A fala de Severino deixa claro que, o que existiu foi uma suspeita, ele desconfiava de traição, mas não teve uma prova de infidelidade por parte de Vanju. O que deixa a obra aberta para que o leitor acredite ou não na versão do barqueiro.

Voltando a falar sobre Vanju, é importante que se diga que é possível que a ex-prostituta conhecesse o novo promotor que havia chegado na cidade, pois de acordo com a fala de Mestre Severino, ele viu “o diabo do homem a conversar com a Vanju! Nem foi preciso eu apresentar ele a ela. Estavam se falando e rindo”! (MONTELLO, 1971, p.112). Observa-se que o barqueiro vai montando um quebra-cabeças imaginário, que só ele acredita que culminou em traição. Primeiro o fato de a mulher falar com o novo promotor, o Dr. Genésio, depois, não querer ter outro filho, irmanado a circunstância dela ser uma mãe relapsa e agora o principal, Vanju começou a se debruçar a janela, coisa que havia sido proibida. Observa-se como Mestre Severino conta essa situação ao padre Dourado:

3.1.3.7[...] Antes de terminar o resguardo, a Vanju deixou a cama, pintada, cheirosa, brincos nas orelhas, vestido de sair, pente de tartaruga nos cabelos, sapatos de fivela. Ainda por cima com esta novidade: janelleira. Aí mesmo é que o ciúme me pegou e com toda razão. Mulher janelleira, e além do mais casada e bonita, não quer dizer boa coisa. Logo no primeiro dia, assim que vi, destemperei com ela. A Vanju chorou muito, soltou um grito, dizendo que iria morrer, e acabou perdendo o sentido, com um ataque. Terminei cedendo [...] a Vanju passou a se debruçar na janela como retrato na moldura. Parecia que não queria outra vida. Mal o dia começava, já ela estava ali. Chegou mesmo a botar uma cadeira da sala junto do peitoril, para sentar quando cansava de estar em pé. Só arredava dali quando o sol da tarde batia em cheio na fachada da casa. Mas, voltava assim que o sol quebrava. E sempre enfeitada, como se fosse sair (MONTELLO, 1971, p. 113).

A versão de Mestre Severino nos permite fazer algumas observações importantes: a primeira é a riqueza de detalhes, parece algo construído no sentido de incriminar a mulher, colocar a culpa do crime na vítima, atenta-se aqui a fala de Severino “como retrato na moldura”, ou seja, a comparação com algo estático que não se move, que fica sempre no mesmo lugar. Isso não seria exagero em demasia na fala do marido? Lembre-se que o lado de Vanju não é possível ouvir, então até que ponto é verdade que ela não arredava o pé da janela, preferindo sentar na cadeira quando ela cansasse ao invés de ir para outro cômodo?

Outra observação interessante é que o próprio mestre Severino acaba cedendo aos desejos da mulher, mas novamente vem a pergunta, como o barqueiro sabia do comportamento diário da Vanju se ele não ficava sempre em casa? Acaso era Lourença quem lhe contava o dia a dia de Vanju? Em análise da obra o barqueiro desconversa e diz que não, que a mulher não lhe confiava nada. “Chamei de parte Lourença, para me contar o que sabia. Mas a Lourença, desde que eu casei, deixou de falar. Apertei com ela, e ela só me dizia hum-hum,

levantando os ombros, para responder minhas perguntas” (MONTELLO, 1971, p. 114). Talvez o homem quisesse proteger a concubina, livrar-lhe de acusações de uma possível participação no assassinato. Mais uma vez fica em aberto a forma como Mestre Severino obtinha informações sobre a sua esposa.

O fato de Vanju se debruçar na janela foi o grande passo para sua perdição, era a primeira desobediência da mulher. Ora, de acordo com o livro *Histórias e conversas de mulheres* (2014) da Mary del Priore, desobedecer ao cônjuge era tido como um ato gravíssimo, veja o que ela diz:

“Onde há galo, não canta galinha” — o ditado popular não deixava dúvidas. Em uma sociedade machista, cabia à mulher e aos filhos obedecer às ordens do chefe da família. Manter-se em casa, evitar os perigos e as oportunidades que podiam surgir na rua eram normas que deveriam ser cumpridas: “o homem na praça e a mulher em casa”. A mulher devia ao marido “fidelidade, paciência e obediência” (DEL PRIORE, 2014, p. 26).

Todavia, a personagem mestre Severino com o seu discurso sobre Vanju, leva o leitor a entender que a ex-prostituta não teve essa paciência e já estava a caminho da desobediência, pois ela ficava sozinha, incomunicável nos dias que o marido estava viajando a trabalho. Ou seja, as ordens foram sendo desobedecidas e acabava fermentando assim a ira do marido. Percebe-se que a própria história de Mestre Severino e Vanju tinha como pano de fundo o patriarcalismo passado de geração em geração, assim como ele queria repassar a profissão de barqueiro para o tão sonhado filho homem.

O estopim da desgraça se deu quando o então promotor foi residir em uma casa à frente da de Mestre Severino, como ele mesmo afirmou em confissão ao padre Dourado:

3.1.3.8[...] o Dr. Genésio tinha alugado uma casa perto da minha e que a janela da sala dele — uma sala cheia de livros, com uma rede armada no meio — dava para a minha janela, a janela onde a Vanju ficava [...] meu primeiro impulso foi apanhar um rifle e dar um tiro no diabo do homem. [...] cheguei a dar uma volta pelo oitão da casa, espreitando de longe, para ver se ele aparecia, e dali mandar a bala [...] até parece que ele foi avisado, pois não apareceu mais na janela da sala dele. e foi melhor assim. Do contrário era homem liquidado, e olhe eu na Cadeia, com a Vanju livre para dar outras cabeçadas [...] Até que me convenci de que se não cortasse aquilo a tempo, acabavam com chifres na cabeça, como o pobre do Nonato, que o senhor conhece e que todo mundo se ri. Hoje mesmo não faz uma hora, matei minha Vanju. Antes ver ela morta, como eu vi, do que saber que o Dr. Genésio se deitou com ela. Agora isso não pode mais acontecer. (MONTELLO, 1971, p. 113-5).

O barqueiro construiu uma opinião fundamentada em pequenos indícios que levantaram suspeita de uma possível traição, mas não provou absolutamente nada. Não há nada de concreto, ele agiu de maneira maquiavélica porque acreditava que a esposa poderia cair em tentação, mas ele mesmo afirma que Vanju não caiu, porque ele a matou antes do fato acontecer. Mas não foi apenas o fato de ver a mulher se debruçar na janela para contemplar a rua que fez com que ele a matasse, para além disso, havia a situação de que Vanju tinha mudado totalmente com ele, a

mulher outrora foga, agora dormia separada do marido, chegando até a se esquivar de ter relacionamento sexual. Ora isso é compreensível, já que Mestre Severino procurava uma forma de ter o filho homem que era tão sonhado com a sua esposa, Vanju com certeza, temia passar por toda aquela situação de dor e agonia na hora do parto. Mesmo diante desse fato, isso não configura em hipótese alguma, traição, ou mesmo que a mulher já não estivesse apaixonada por ele. Para elucidar melhor este aspecto vale ressaltar as palavras da historiadora, Sueann Caulfield, que diz:

O temperamento idealista de algumas pessoas as fazia perder a razão quando decepcionadas ou provocadas por uma forte emoção [...] essas defesas eram humanitárias, dado que as ações desses homens haviam sido provocadas por uma reação psicológica que fugia ao controle racional. Além disso, as paixões que inspiravam esses criminosos — o amor e a honra — eram socialmente úteis. Ao mesmo tempo, era pouco provável que os criminosos passionais repetissem o mesmo tipo de crime e, portanto, não era necessário proteger a sociedade contra eles. (CAULFIELD, 2000, p. 84).

Veja que até a filosofia, tendo por base a escola positivista, acabava que inocentando esse tipo de criminoso, encontrando fundamentação nas provocações das mulheres, ou seja, aquela história de que uma ação acaba sempre gerando uma reação e no caso de infidelidade ou suspeita de adultério, acabava gerando as piores reações. O mais interessante dessa teoria é que alguns magistrados acreditavam em uma não repetição desse tipo de crime. Contudo, trazendo isso para o livro *Cais da Sagração*, não se encaixava, porque Mestre Severino chegou a premeditar a morte do próprio neto, por afogamento, como ele já havia feito com a esposa, sem se importar com as consequências desse novo crime.

Então o barqueiro juntou as peças de um quebra-cabeça, com o passado de cortesã da Vanju, unido ao fato dela conhecer o Dr. Genésio, os dias debruçada na varanda, o desleixo para com a filha, a negação da relação sexual com o barqueiro e por fim, o fato de o promotor ir morar diante da residência de Mestre Severino, fez surgir na mente dele que a esposa a qual era cultuada, estava prestes a traí-lo.

É possível observar que a narrativa inteira culpa Vanju, induzindo o leitor a acreditar que ela não seja fiel o suficiente e que se entregará para o promotor. Na verdade, ele coloca a crime do assassinato da mulher no Dr. Genésio, segundo Severino, o promotor foi o responsável por virar a cabeça da mulher e fazê-la mudar totalmente de comportamento. Em resumo, um ciúme doentio irmanado a uma covardia descabida, porque dar cabo de uma mulher é mais fácil que de um homem pai de família e com uma posição social elevada. Embora não seja objetivo desse tópico analisar o lado social desse crime, mas é preciso que se diga que Vanju é o estereótipo de muitas mulheres que teve sua vida ceifada sem ter feito absolutamente nada,

mulheres que foram assassinadas pelo ciúme de seus cônjuges.

Tanto não houve comprovação da traição de Vanju, que Mestre Severino foi condenado a 22 anos de detenção, sem direito a recorrer da sentença, muito embora o promotor da comarca, ou seja, o Dr. Genésio lutasse para que a pena máxima de 30 anos fosse aplicada, o juiz não o fez, talvez entendesse que a honra do marido estava em jogo. Cabe aqui observar as palavras de Caulfilde:

Durante as três primeiras décadas do século XX [...] incontáveis casos de violência doméstica viraram notícia de primeira página nos jornais populares [...] A opinião popular não interpretava as histórias dos julgamentos que inocentavam os assassinos da esposa como um triunfo da criminologia moderna, mas como uma evidência da sobrevivência de tradições patriarcais segundo as quais a honra masculina era determinada pela fidelidade sexual da mulher e de que a justiça criminal ainda permitia ao homem defender sua honra com violência (CAULFIELD, 2000, p. 85).

No caso de Severino, talvez a diminuição da pena tenha se dado por fatos que seriam deméritos, ou seja, não elevavam a figura de Vanju, como por exemplo: do fato dela ser oriunda de um prostíbulo; ter casado com um homem que ao olhar daquela sociedade, era um homem íntegro, não tinha antecedentes criminais e ser trabalhador. Outro fato que deve ter sido levado em conta foi o de acusado e vítima viverem em cidade pequena, onde as famílias prezavam por aquilo que era tradicional; juiz e jurados eram do sexo masculino e, talvez o fato mais relevante de todos, a interferência eclesiástica, já que o padre era muito amigo do réu e por ele faria de tudo para que o mesmo ficasse o menor tempo possível na prisão; e não apenas isso, o padre impediu que o barqueiro cumprisse a pena na capital do estado. Enfim, Vanju era mais uma na lista de vítimas fatais da violência doméstica.

Voltando a falar sobre a personagem Vanju na voz de Mestre Severino, aqui entende-se que, ao confessar ao Padre o comportamento da mulher, ele tenta divinizar-la, ou seja, transformá-la em um ser de reputação ilibada, buscou até o último momento da vida dela fazer da ex-meretriz uma ser puro, sem mancha, como se viu na passagem do casamento e também horas antes da morte, como o barqueiro afirma da seguinte maneira, ao confirmar que ela esteve na igreja se confessando: “— Sei, Padre. Perfeitamente. Ela morreu de alma limpa. A esta hora, com o favor de Deus, minha Vanju está no Céu, e eu aqui pensando em cima da terra, com todo o peso da maior desgraça da vida na minha cabeça”. (MONTELLLO, 1971, p. 115). Na verdade, foi o próprio Mestre Severino que pediu para a mulher se confessar o ato fazia parte do plano arquitetado para dar fim a vida da própria esposa, ela não poderia morrer em pecado, por isso, momentos antes, ele a levou para se confessar com padre Dourado.

Lamentavelmente não se sabe a versão de tudo isso pela voz de Vanju, mas a mente doentia de Mestre Severino passa para o leitor que há uma espécie de fragilidade na

personalidade de Vanju. A primeira é que a mulher não amava o barqueiro, talvez por seu jeito rude de ser, desprovido de educação e por isso facilmente deixaria ser seduzida pelo Drº Genésio, um homem educado, fino, com formação acadêmica e posição social, em outras palavras, esteticamente muito melhor que o barqueiro; e que poderia dar uma melhor qualidade de vida para a mulher, muito embora não lhe faltasse nada.

Sobre tudo isso pode-se encontrar fundamentação na História, Mary del Priore faz a seguinte afirmação:

Já as esposas infiéis não deveriam esperar nenhuma compreensão, nenhum gesto de ajuda, nenhuma indulgência. Elas eram fortemente criticadas, quando não punidas. O crime passionai enchia as páginas de jornal, sobretudo quando se tratava de “gente de bem”, sem contar que a infidelidade feminina estava associada a instintos maternos de péssima qualidade. Adúlteras eram mães ineptas para criar seus filhos: “que atitude deve tomar um marido que se sabe enganado? Permanecer ao lado de quem o traiçoa seria indigno de sua parte [...] mesmo porque não se pode exigir de um marido que viva com uma mulher que lhe é infiel. Não pode haver harmonia num clima de indignidade. Nesses casos, o pai tem que fazer da fraqueza das crianças a sua armadura de coragem para enfrentar sozinho as responsabilidades que deveriam ser enfrentadas a dois (DEL PRIORE, 2017, p. 478).

No universo do texto pode-se perceber que o caminho para a mulher adúltera era só um, a morte. Talvez por essa razão, no início do enlace amoroso de Severino e Vanju, eles tenham firmado o pacto da não traição. Inconscientemente ela aceitou esse pacto e não levou em consideração o fato dela ter sido uma prostituta, que poderia vir a querer ter outro relacionamento ou mudar de vida. Não se está afirmando aqui que ela cometeu o crime de adultério, mas na mente do barqueiro esse fato foi consumado e, ao contrário do que a escritora diz sobre a preocupação com a criança, Mestre Severino estava mais preocupado com sua reputação, baseado no que as pessoas poderiam vir chamá-lo pelas ruas da pequena cidade. Assim, ele acabou ceifando a vida de Vanju. No livro não mostra de qual lado a sociedade ficou, se apoiou o fato ou se foi contra, mas como o barqueiro era “gente de bem” sem sombra de dúvida a população deve ter compreendido o crime como uma espécie de lavagem de honra. Mas que honra foi ofendida, se a narrativa não revela que a mulher estava traindo seu cônjuge?

Outro ponto é o sentimento de inferioridade que há em Mestre Severino, tanto em relação ao promotor quanto em relação a Vanju. A mulher era maior do que ele em educação, fineza, beleza e recato. Isso causava medo no barqueiro; seus modos não encantavam a ex-prostituta, ela não casou com Severino por amor e sim por necessidade de mudar de vida, mas agora com a chegada do promotor que Vanju conhecia bem, na mente de Mestre Severino, abria-se a possibilidade da mulher deixá-lo por Dr. Genésio.

Atenta-se aqui para a confissão do barqueiro feita ao padre quando ele viu o promotor

todo imponente passando a diante de sua residência: “Uma tarde, entrando em casa pelos fundos, ouvi o galope de um cavalo na rua da frente. Da varanda, espiei: era o Dr. Genésio num cavalo gordo, de crinas castanhas, todo arreado, estribo de prata, a passar de frente de minha porta, com a Vanju na janela” (MONTELLO, 1971, p. 114).

O medo de uma mulher é um sentimento que é sentido pela maioria dos homens, não o medo físico, mas o medo de perdê-la para algum rival. Jean Delumeau fala da seguinte forma sobre esse temor:

No inconsciente do homem, a mulher desperta a inquietude, não só porque ela é juiz de sua sexualidade, mas também porque ele a imagina de bom grado insaciável, comparável a um fogo que é preciso alimentar incessantemente, devoradora como um louva-a-deus [...] Pois de qualquer maneira, o homem jamais é vencedor no duelo sexual. A mulher lhe é “fatal”. Impede-o de ser ele mesmo, de realizar sua espiritualidade, de encontrar o caminho de sua salvação. (DELUMEAU, 2009, p. 467).

Foi isso que Vanju fez com Mestre Severino, de forma inconsciente, é bom que se diga isso, porque em nenhum momento, Vanju imaginou estar causando ciúmes no barqueiro. Pelo menos é o que se observa na obra. Contudo, ele é aferroado pelo marimbondo do ciúme e acaba perdendo a sua paz, fazendo-o cometer o crime passionai que viria a lhe tirar para sempre aquela que ele acreditava amar. Severino imaginava que a qualquer momento seria apunhalado pelas costas pela própria esposa, afinal Vanju era jovem, dona de uma beleza inexistente no lugar onde morava, e como toda ex-meretriz, uma mulher insaciável. Essas características faziam com que ele temesse ser traído, a sua desconfiança foi maior que o seu amor, e por isso ele resolveu ceifar a vida da esposa.

Exemplo de complexo de inferioridade, de um fracassado que por não ter tido educação o suficiente, acreditava que tudo se resolveria com a morte de alguém, e covardemente esse alguém era a sua própria mulher, afinal de contas Severino acreditava que era dono de Vanju, por tê-la tirado do prostíbulo onde ela vivia e que por isso, o barqueiro poderia fazer tudo o que bem entendesse com a mesma.

A própria História relata que o homem sempre buscou responsabilizar a mulher por tudo que existia de ruim, isso é o que diz Delumeau no livro História do medo no ocidente (2009) no texto:

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou a comer o fruto proibido. O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher. Como não temer um ser que nunca é tão perigoso como quando sorrir? A caverna sexual tornou-se a fossa viscosa do inferno (DELUMEAU, 2009, p. 468)

Ao mergulhar nas páginas de "Cais da Sagração", rapidamente se desvenda a essência da

narrativa: Mestre Severino transfere a culpa de seus atos para Vanju. Essa transferência inicia-se no momento em que ele testemunha a crescente amizade entre sua esposa e um promotor recém-chegado, instigando desconfianças e ciúmes infundados. Desprovido de confiança na integridade de Vanju, Severino se empenha em monitorar cada passo dela, seja pessoalmente ou por intermédio de avisos, até conceber um plano sombrio para tirar-lhe a vida. Movido inicialmente pelo medo de ser substituído — temendo, em termos populares, ser "corno" —, suas suspeitas escalam para delírios onde ele acredita, sem provas, na infidelidade consumada de Vanju. Esse ato impulsivo e desmedido custou a Mestre Severino 22 anos de reclusão, privando-o do mar e da profissão de barqueiro que tanto orgulho lhe trazia. Embora ele atribuísse a Vanju a causa de sua queda, na realidade, foi sua própria decisão de encerrar a vida da esposa que o conduziu a esse destino. A tragédia de Mestre Severino é um lembrete pungente de que, em última análise, somos arquitetos de nossos próprios infortúnios.

Antes de finalizar a análise de Vanju na voz da personagem Mestre Severino é importante que se diga que mesmo depois de morta, o barqueiro continua idolatrando a mulher e tendo ciúmes dela. Ele vai monologando como se a mulher estivesse viva, ao seu lado, o homem vai construindo um discurso de explicação para o fato, uma tentativa de acalmar a alma da mulher que ele acreditava estar ali questionando as razões que o levaram a cometer o crime. E em seu monólogo afirma que não sentia arrependimento no que fez, colocando a culpa no promotor e na suposta inocência dela e que Vanju sabia como era o gênio do marido. Observa-se aqui a fala do Mestre Severino enquanto estava na prisão:

Ah, Vanju, como você se enganou! Mas eu lhe preveni, antes do Juiz nos casar. Eu lhe contei como é que sou. Não lhe escondi meu gênio. Me lembro que lhe disse, com todas as sílabas, que, se eu sentisse um dia que você me queria passar para trás, eu matava você. Mas também lhe dei esse direito se o erro fosse meu. (MONTELLO, 1971, p. 137).

No discurso do barqueiro, ele afirma que Vanju já sabia como o homem era, mas será que ela realmente tinha conhecimento de quem era o homem com quem havia se casado? Aquele homem amável, que a cobria de elogios e presentes, que a mimava com tudo o que ela queria, teria coragem de assassiná-la? Será que no calor da emoção da realização do casamento, ela ignorou o que o seu futuro marido havia lhe dito? Ou será que por ela não ter feito nada, ou seja, não ter cometido adultério, ela jamais imaginou que Severino fosse capaz de matá-la? Perguntas importantes para compreender a visão da mulher sobre o que aconteceu.

Observa-se abaixo a paranoia que Mestre Severino tinha no que diz respeito a sua esposa Vanju, e que não demonstrava no seu dia a dia:

Matei você, Vanju, e tornou a dizer que não estou arrependido. Não havia outra saída. Antes que fosse tarde, cortei o mal pela raiz. Pensei muito, antes de me decidir. Passei muita noite em claro, com você dormindo do meu lado. Eu olhava você, clareada pela luz do candeeiro, e dizia comigo, vendo seu rosto tão bonito: será que vou ter coragem mesmo de acabar com ela? Mas era preciso, Vanju. Era preciso. Deus via bem que eu não podia recuar. Me agarrei com os meus santos para que dessem juízo a você enquanto era tempo. Não foi possível. Você, cada dia que passava, se derretia mais. Eu virando corno manso. (MONTELLO, 1971, p. 137).

Quando do depoimento de Mestre Severino diante do juiz, promotor e jurados, não se sabe se ele confessou o assassinato com essa riqueza de detalhes, mas por aqui é possível observar que o crime foi premeditado enquanto Vanju dormia. Enquanto ela descansava, ele arquitetava como faria para liquidar de vez com a esposa. Seu único obstáculo era vencer o encanto que sentia pela mulher. Por isso, recorreu a Deus e aos santos para que ela mudasse de comportamento e voltasse a ser aquela mulher com quem havia se casado, a qual achava ser pura de corpo e alma. Lamentavelmente isso não aconteceu e durante noites a fio, mesmo estando apaixonado por Vanju, ele tomou a decisão de assassinar sua companheira, embora não tivesse provas de uma traição, ele só não queria ficar falado na cidade, visto como um corno. E a mulher a dormir sem presumir que seu fim estava próximo.

Essas supostas aparições de Vanju que Severino dizia sentir, chegaram a ser contadas para o padre Dourado, que não acreditava em nada daquilo, pois para ele era como se fosse uma espécie de alucinação que o homem estava começando a sentir. Quando o padre questiona que conversa era aquela, ele respondeu da seguinte forma:

— Aqui, a Vanju vem me ver — confirmou Mestre Severino, apoiando as costas na parede da janela — É verdade. Já estive aqui dentro. Mais de uma vez. [...]
E Mestre Severino, convicto:
— Pelo cheiro, Padre Dourado. Pelo cheiro da Vanju, quando saía do banho. O cheiro ativo da jardineira molhada (MONTELLO, 1971, p. 156-157).

Este é Mestre Severino, mesmo tendo cometido um bárbaro crime, ainda sim, acreditava que havia feito a coisa correta, liquidar de vez com a vida da mulher que ele escolhera para ser sua esposa e mãe do seu tão sonhado filho. Como pode alguém que dizia amar a esposa, cometer tamanha barbárie fundamentada em suspeitas? E ainda por cima, acreditar que estava fazendo a coisa certa, mesmo que ele viesse a sofrer as consequências, tais como a de ter sua liberdade cerceada, de ser reconhecido como um criminoso, etc? Há muito questionamento dentro do Caís da Sagração, cada vez que se analisa a obra, novas perguntas vão sendo erigidas.

Enfim, continuando a falar sobre os delírios do barqueiro, nas supostas conversas que ele teve com Vanju, crer-se que no pico do desespero por se encontrar sozinho, o homem ainda pede que o espírito dela o perdoe, observe no trecho abaixo:

— Sei que você, Vanju está perto de mim. Não lhe vejo, mas sinto você. Este cheiro

é seu. Conheci de longe. Me lembro bem. Sei que é. E foi você que mexeu na luz do candeeiro. Todos os dias, de manhã e de noite, rezo por você. Peço a Deus que lhe dê paz e juízo. Sobretudo muito juízo. Onde você está agora, não se pode ter cabeça de vento. Veja bem como se comporta. Se aproxime de Nossa Senhora. Se chegue aos bons. E não guarde mágoa de mim. Cada dia que passa, você vai ver que eu tinha razão de ter feito o que fiz. Se eu não pusesse um ponto final no seu namoro (era namoro, sim senhora, vi com estes olhos), que ia acontecer. (MONTELLO, 1971, p. 136).

Veja que Severino coloca nos lábios de Vanju uma confissão de traição. Coisa que até então ele não havia dito, ele faz a acusação dizendo que chegou a ver o namoro dela com o promotor Dr. Genésio. Aqui está um ponto importante da obra, porque nele há uma acusação de adultério, mas a acusada não tem possibilidade de se defender, sua voz não aparece, ou melhor ela é silenciada pelas águas do mar. Onde está a versão de Vanju sobre tudo o que aconteceu? Onde está a voz dela para falar sobre a sua solidão e enfado nos dias que o barqueiro estava trabalhando? Onde está a voz de Vanju para explicar seu medo de ter outro filho? Onde está a voz de Vanju para explicar qual o seu grau de amizade com o novo promotor? Onde ficou a voz de Vanju para explicar que com a presença do Dr. Genésio ela poderia saber as novidades das pessoas da capital São Luís, uma vez que, ela não poderia voltar a sua cidade natal? São questionamentos que ficarão para a eternidade, como ficaram as perguntas sobre Capitu, famosa personagem de Machado de Assis.

Cabe aqui se fazer mais uma indagação, que é bastante relevante, acaso Vanju tivesse aceitado conceber outro filho de Mestre Severino, será que o barqueiro teria coragem de ceifar a vida da mulher? Ou ele esperaria a criança nascer para poder executar o crime? Não se tem condições de dizer algo porque a mente de Mestre Severino é cheia de paranoia, ninguém pode prever o que ele seria capaz de fazer para não ter seu nome mal visto na sociedade.

Ainda depois de alguns anos, Mestre Severino descobre que o promotor, que agora tinha sido promovido a juiz, tinha falecido e ficou transtornado com a informação. Isso porque para o barqueiro, Vanju, ao morrer estava no céu, afinal de contas a mulher tinha se arrependido dos pecados por meio da confissão que fizera antes do assassinato. Todavia, antes de Dr. Genésio falecer, ele também tinha se arrependido das coisas que fizera neste mundo dos diante de padre Dourado, que lhe absolvera de todos os pecados. Na mente de Severino isso lhe dava passagem certa para residir no céu, o que para ele era um absurdo, afinal o homem poderia se encontrar com Vanju no reino celestial. Sua ira era tamanha que até a amizade com o padre ficou meio que balançada, ao ponto dele dizer: “em todo caso, é sempre bom desconfiar de homem que veste saia”. (MONTELLO, 1971, p. 205).

Insinuando que as pessoas que vestem saia, sempre acabam traindo os amigos do gênero

masculino. A situação ficou mais complicada com a confirmação da extrema-unção realizada pelo amigo sacerdote, Mestre Severino entrou em desespero e mandou chamar o padre na prisão onde se encontrava; e lá quase que transtornado o barqueiro lhe disse:

— Padre Dourado, o senhor sabe tanto quanto eu que aquele homem sempre foi um pulha [...] E o senhor lhe perdoou os pecados, o senhor botou ele diante de Deus? E onde está a Vanju, Padre Dourado? Também está no céu! Agora me diga: quem é que me garante que aquele patife, pilhando-se no Céu, não vai tentar desencaminhar Vanju? Hem, Padre? Me responda! (MONTELLO, 1971, p. 212).

Da forma que Mestre Severino estava era capaz de assassinar o próprio padre dentro da prisão, porque o barqueiro podia temer tudo, menos ser preso pelos seus atos; para ele, mesmo estando longe do mar, aquilo não era nada. O que importava era o que ele acreditava ser o correto, tinha que acontecer, e se não fosse da forma natural, seria por meio da sua força. Assim, de maneira alguma o homem queria que Vanju se encontrasse com o promotor seja na Terra ou no céu.

Como um bom sacerdote, calmo e complacente, o padre respondeu ao barqueiro tentando tranquilizá-lo, afirmando que no céu não há esse tipo de relacionamento, ou seja, a prática do sexo, da traição, dos amores lícitos e ilícitos. Isso foi o bastante para que ele realmente se acalmasse.

Um dos últimos desejos de Mestre Severino que se pode ver na obra é deveras horroroso. Ele acreditava que o fim da sua estadia terrena estaria se aproximando, isso se deu depois de uma alucinação em alto mar; nela o barqueiro teria visto Dom Sebastião cavalcando por sobre as águas, o que de acordo com a lenda maranhense, seria um mau presságio, um mau agouro. Contudo, por ver o seu neto, Pedro, conduzindo o Bonança, o barqueiro já se sentia satisfeito e morrer ou não ali, já não importava mais. Seu sonho de ver a descendência de barqueiro na família iria continuar com o rapaz. Eis então a forma com que o narrador fala indiretamente: “De boa sombra acolhia aquele aviso de Deus, aguardava agora o seu chamado. Não tinha o que lhe pedir, a não ser o perdão de seus pecados. Quantos aos grandes, que a vida lhe impusera, já ele os havia saldado com suas provações” (MONTELLO, 1971, p. 304-305). Perante essa fala é preciso que se interfira por meio de questionamentos: 1) assassinar a esposa; 2) viver em concubinato; 3) agredir uma mulher psicológica e moralmente; 4) premeditar a morte do próprio neto; 5) agredir pessoas por terem a opção sexual diferente das outras, desde quando tudo isso é caracterizado como pequeno pecado? Sendo pecado grande, quem disse que ele já havia pago os mesmos?

O pior ainda estava por vir. De acordo com a voz do narrador, depois de cometer o crime contra Vanju, ter cumprido 22 anos de reclusão, Mestre Severino acreditava que iria viver no

céu com a esposa que ele matou. Para completar a façanha dele, o barqueiro não abandonaria Lourença, ela também iria junto com ele, como se atesta na fala do narrador abaixo:

Ele sabia que, ao termo de tanta lida, a Vanju estaria à sua espera, espojada das fraquezas do mundo, purificada pela graça de Deus. Nisto pensou na Lourença, sua amiga fiel, caindo de velha, coitada, também prestes a acabar. E viveriam os três, na santa paz do Senhor, ele, a Vanju e a Lourença? Por que não, se tinham vivido aqui na terra, debaixo do mesmo teto? (MONTELLO, p. 305).

A fé no perdão de Deus e no de Vanju era muito grande, em nenhum momento o barqueiro ousou pensar que tanto um quanto o outro poderiam negar esse perdão. Ele cria piamente na benignidade dos dois, acreditava que ambos teriam misericórdia dele e absolveriam seus atos praticados na terra.

Infelizmente no Brasil o fato de se ceifar a vida de uma mulher por causa de traições tornou-se algo comum, lavar a honra de um homem com sangue chegou a ser tido pela sociedade como algo correto, porque adultério só homem poderia cometer, mulher casada jamais. Na Literatura Brasileira tem-se o exemplo do livro de *Jorge Amado, Gabriela Cravo e Canela*, onde Sinhazinha Mendonça foi assassinada pelo marido, o Coronel Jesuíno, depois de condenado, o homem ainda confessou que a amava. Não difere muito de Mestre Severino, que quando era permitido visitar a filha, preferia ir até o jazigo da finada esposa e lá dizia: “sempre que me deixarem sair, vou até lá. Assim você fica sabendo que homem nenhum podia gostar de você como eu. E hei de ser assim toda a vida. Até morrer”. (MONTELLO, 1971, p.139). Mestre Severino é o símbolo de uma sociedade machista, patriarcal, que prefere ver sua esposa morta a vê-la feliz ao lado de outra pessoa.

4 A VOZ DE VANJU POR MEIO DE OUTRAS PERSONAGENS

Este tópico explora a perspectiva de outras personagens da trama montelliana sobre a voz de Vanju. Além do narrador e de Mestre Severino, outros personagens importantes incluem Lourença, padre Dourado, Pedro e o próprio Dr. Genésio. Suas vozes serão examinadas neste capítulo para identificar fragmentos da voz narrativa de Vanju.

4.1 Vanju aos olhos de Lourença

Outra personagem entra em análise, Lourença. Observamos aqui como ela via Vanju, tendo convivido com Mestre Severino por todo esse tempo. Lourença é uma personagem singular, pois ao contrário de Severino, não nutria nem amor nem ódio pela prostituta, como destacado nos capítulos anteriores desta dissertação.

Entre todos os personagens que tiveram contato com a ex-prostituta, Lourença foi a que esteve mais próxima da mulher, mesmo que de forma forçada. Portanto, vale a pena investigar se há algo da essência de Vanju em suas palavras.

Inicialmente, quando Mestre Severino anuncia seu casamento para Lourença, ela fica feliz, acreditando que seu próprio desejo será realizado. O entusiasmo de anos de convivência ao lado do barqueiro é quase palpável, especialmente quando ele menciona que a cerimônia acontecerá na semana seguinte. No entanto, sua esperança é logo destruída com a notícia de que o homem que ela amava se casaria de fato, mas com outra mulher.

Atordoadada com a situação, ela ficou bastante preocupada pois não tinha outra pessoa, mas depois seu sofrimento foi amenizado pois o barqueiro não a abandonou, ela haveria de ficar na mesma casa que os dois, mas não no mesmo quarto. Lourença se questionava muito sobre aquela situação e se culpava pela traição de Mestre Severino, pois o que ele mais queria, ela nunca pode lhe dar, ou seja, um filho para herdar a profissão de barqueiro. E dizia: “— Se eu tivesse um filho, nada disso tinha acontecido” (MONTELLO, 1971, p. 53). É certo que pesou muito o fato de Lourença ser estéril, não poder gerar um filho era uma das maiores pragas que uma mulher pode carregar e ela havia sido marcada com essa espécie de maldição. Uma vez que, todo homem quando se unia com uma mulher, era no intuito de constituir família, só que no caso de Lourença isso não pôde acontecer; coube a Mestre Severino tomar uma atitude, ir atrás de outra que poderia realizar seu sonho de ser pai de um menino.

Foi nesse exato momento que começou o silêncio de Lourença. Tudo o que ela via dentro de casa, ela silenciava. Vanju só volta a falar dentro de casa no dia em que o barqueiro chega com o corpo de Vanju nos braços, no entanto, sua única fala foi: “Ai Jesus, o que foi

isso?” (MONTELLO, 1971, p. 64)

Com a morte da Vanju, Lourença volta a ser a dona da casa e agora com uma criança para cuidar, a partir de então ela se torna a mãe da pequena Mercedes e a cria sozinha, já que Mestre Severino é condenado a 22 anos de prisão em regime fechado pelo assassinato da esposa. A menina cresce, casa-se com um barqueiro por nome Vicente, que infelizmente desaparece no mar deixando a esposa grávida. Mercedes morre de parto, mas a criança se salva, finalmente é o varão da família que tanto Mestre Severino queria. O nome do menino não poderia ser outro, tinha que está vinculado às águas, seu nome: Pedro.

Se se notar bem, logo pode-se observar que realmente, quem sempre foi a dona da casa, aquela que sempre cuidava das coisas do lar, mesmo não estando casada, era Lourença. Isso se dá pela forma com ela se portava diante de toda aquela situação.

Observa-se abaixo como a historiadora Mary del Priore fala sobre o matrimônio nos lares brasileiros; o que serve como base para compreender o comportamento de Lourença dentro da residência:

O bem-estar do marido era a medida da felicidade conjugal e esta adviria em consequência de ele estar satisfeito. E qual a fórmula para tal bem-estar? Seu primeiro componente eram as “prendas domésticas” de sua companheira. Afinal, a mulher conquistava pelo coração e prendia pelo estômago. Outro quesito: a reputação de boa esposa e de mulher ideal. Quem era esta? A que não criticava, que evitava comentários desfavoráveis, a que se vestia sobriamente, a que limitava passeios quando o marido estivesse ausente, a que não era muito vaidosa nem provocava ciúmes no marido. (DEL PRIORE, 2011, p. 367)

Ou seja, todas estas coisas eram realizadas por Lourença, mesmo ela não estando casada formalmente, “de papel passado”, ela nunca deixou de agir como uma dona do lar. Talvez ela entendesse que Vanju era apenas para procriar o tão sonhado filho e para o divertimento de Mestre Severino, os prazeres domésticos; casa limpa, roupa lavada e tudo isto que a historiadora fala na citação acima, quem proporcionava era a velha Lourença.

No livro *Histórias e Conversas de Mulher*, há o relato de que havia dois tipos de mulheres, “a respeitável, feita para o casamento, que não se amava, forçosamente, mas em que se faziam filhos; e a prostituta com quem tudo era permitido e se dividia as alegrias eróticas vedadas por educação, às esposas” (DEL PRIORE, 2014, p. 64). Era assim que Lourença talvez imaginasse estar acontecendo sobre a vivência de Vanju com Mestre Severino, seria apenas prazer; o problema era que, Vanju podia gerar filhos, enquanto ela tinha que amargurar a sina de ser estéril.

Tanto Mercedes quanto Pedro são tratados por Lourença com muito carinho, como se ela fosse a mãe e avó biológica dos mesmos. O menino mais ainda por se tratar do homem tão

sonhado por Mestre Severino, ela nutria por ele um amor incondicional que era retribuído com palavras de carinho e companheirismo do neto.

A verdade é que Lourença acabou tendo aquilo que a natureza não pode lhe dar, que era, uma família. A família caiu em seu colo como se fosse um presente dos céus. Ela sem dizer absolutamente nada (pelo menos é o que mostra o narrador e Mestre Severino), acabou sendo mãe e avó. Seguiu o que era de praxe no que diz respeito a solidificação da família patriarcal; o que significa que ela foi fiel ao seu grande amor, mesmo ele estando em reclusão, continuou cuidando da casa e da criança; era aquilo que se entendia sobre a mulher que edifica a sua casa, e claro, depois da libertação do barqueiro, foram formar o ideal da família cristã. Observa-se aqui o que a historiadora Mary del Priore fala sobre isso:

Tal família era inteiramente subordinada à figura do pai. Rei em casa, ali ele representava o Estado e a Igreja. Da mulher, além de submissão, esperava-se que exercesse plenamente a função de procriar e transmitir aos filhos valores morais e éticos; dos filhos, que aceitassem todas as regras, tanto afetivas quanto disciplinares, sem procurar questioná-las. (DEL PRIORE, 2014, p. 20)

É fato que Lourença seguiu todos esses preceitos e fazia com que o neto, Pedro, seguisse também as ordens do barqueiro sem pestanejar, muito embora o menino tivesse opinião diferente sobre os ditames de Mestre Severino, ela, para trazer a paz ao recinto, aconselhava o neto a não questionar absolutamente nada.

Mas certa vez, Pedro perguntou para Lourença sobre seus antepassados, e questionou porque o avô tinha matado a avó, Vanju. A mesma pergunta que anos atrás a Mercedes havia lhe feito, a resposta fora a mesma:

— Não se sabe direito. Eu mesma nunca procurei saber. A verdade é que teu avô gostava muito dela. E ela era bonita. Muito bonita mesmo. Parecia uma dessas moças de capa de revista. Tudo quanto era vontade dela teu avô fazia. De repente, um belo dia, ele perdeu a cabeça, e matou ela. Mas isso é história antiga, que a gente não deve mais desenterrar. O que passou, passou. Uma coisa eu te garanto: teu avô é um homem como não há outro. Melhor do que ele, nunca vi. O que aconteceu com ele pode acontecer com qualquer pessoa. Cada um de nós tem seu destino. (MONTELLO, 1971, p. 105-106)

Percebe-se pela fala de Lourença que ela procura exaltar a beleza de Vanju o máximo que pode e logo em seguida ela põe-se a tecer comentários valorativos sobre o barqueiro, uma tentativa de colocar a culpa do assassinato na vítima. Veja que em seu discurso ela coloca Mestre Severino como sendo o melhor homem que há no mundo, para ela não existe outro que o supere. Mesmo com o assassinato da avó do rapaz, ela o defendeu dizendo que, aquilo que aconteceu com ele, poderia vir a acontecer com qualquer outra pessoa. Então, sua declaração é mais em defesa de Mestre Severino do que de Vanju.

No livro é possível observar que a Lourença nunca escondeu, nem de Mercedes, nem

de Pedro esses fatos que caracterizavam a Vanju. Em conversas, ela chegava a comparar os hábitos do neto com os da avó, como se pode observar: “— A tua avó Vanju também gostava de ver revistas — observou ela, reabrindo a conversa — ficava horas e horas nessa cadeira, com uma revista debaixo dos olhos, e não se cansava. Tivestes a quem sair”. (MONTELLO, 1971, p. 105).

Lourença sempre silenciou sobre Vanju, de sua boca, nunca se ouviu um vocábulo contra a mulher. Lourença ela nunca disse absolutamente nada sobre a incômoda presença dela dentro de casa. Pelo menos é o que se pode observar na narrativa, o que chega a causar pena do leitor por ela, uma vez que, seu silêncio significava concordar com tudo o que lhe era imposto. E ela fazia tudo para que o casal vivesse da melhor maneira possível, mais do que isso, ela queria ver o homem que tanto a ajudara, feliz. Lourença agiu assim até depois da morte da Vanju, cuidando até do jazigo da ex-prostituta, como se pode observar pelo diálogo entre ela e Mestre Severino, inclusive, pode-se atentar pelo seu discurso, que ela parecia até feliz em ser útil naquele momento de dor e sofrimento na vida do barqueiro:

— Não esperei chegar o dia da visita porque queria lhe dar uma boa notícia. A sepultura da Vanju está pronta. Vim agora mesmo de lá. Veio o mármore preto que você mandou buscar em São Luís, mandei pôr na pedra a inscrição que o Padre Dourado preparou. Melhor não podia ser. (MONTELLO, 1971, p. 132).

Portanto, da voz dela não há uma confissão de que Vanju havia traído ou estava prestes a trair Mestre Severino. Sendo assim, não dá margem a uma posição que absolva ou condene a mulher. É uma testemunha que, para evitar complicações com a justiça, acaba silenciando do início até a condenação do barqueiro.

O silêncio de Lourença sobre tudo, dá margem para que a personagem Mestre Severino coloque palavras na boca da mesma, o que significa que o barqueiro poderia fazer quaisquer coisas e depois colocar a responsabilidade sob os ombros de Vanju, que jamais seria responsabilizado. Felizmente ele assumiu sua culpa pela morte da esposa. Todavia, em outras passagens é possível observar ele culpando Lourença. Ora, o costume das coisas ruins serem atribuídas à concubina se deu logo no princípio, quando ela não conseguia dar-lhe um filho, como é dito pelo próprio narrador da seguinte forma: “Todos os meses, ano após ano, esperara em vão pelo filho. Chegara mesmo a exaltar-se com a Lourença, atribuindo-lhe a culpa” (MONTELLO, 1971, p. 59). Claro que nesse caso, o problema da esterilidade era realmente atribuído a Lourença, porém, isso não era sua culpa, pois ser estéril, não poder gerar uma criança, não é responsabilidade de quem tem tal problema. O fato é que infelizmente Severino não acreditava nisso e culpava a mulher por não ter lhe dado um herdeiro. Ela por sua vez, aceitava a culpabilidade e silenciava diante do que o barqueiro lhe acusava e do sofrimento que

lhe causava quando se casou com Vanju. Ou seja, sofria psicologicamente por dois motivos: primeiro, por não ter condições de dar à luz a um filho do barqueiro; e, segundo, por saber que outra mulher poderia conceber essa dádiva.

O problema da esterilidade é antigo e é encontrado logo no Livro de Gênese, quando da situação de Abraão e Sarai, posteriormente chamada de Sara, esta que só foi dar à luz com mais de 90 anos, quando Deus cumpriu a promessa feita ao grande patriarca. (BÍBLIA SAGRADA, 1990, GÊNESES, p. 17, 1-27). Para uma família tradicional, não ter filhos era a pior desgraça que poderia acontecer na vida de um casal, e isso tinha acontecido na vida de Lourença e Mestre Severino. Então para ela, o castigo dos céus tinha caído sobre ela. Aceitar a presença de Vanju dentro da sua casa era a única alternativa para que o tão sonhado filho viesse se fazer presente dentro daquele lar. A casa de Lourença, não tinha aquela bênção, mas com o rebento que Vanju iria ter, a sua maldição não acabaria, ou pelo menos amenizaria a situação da falta de um herdeiro. O homem que tanto amava não poderia mais culpá-la mais por falta desse filho. Aceitou e silenciou sobre os planos de Mestre Severino.

Outra situação que Mestre Severino colocava em sua mente, que em outra vida (não no sentido de reencarnação, mas de vida celestial), seus anseios seriam atendidos. Ele costumava acreditar que depois de sua morte e da de Lourença, os três viveriam felizes no céu. Ele criava piamente nisso, muito embora nunca tenha perguntado a Lourença se ela estava disposta a viver nessa espécie de triângulo meio que amoroso até no reino celestial, e mesmo sabendo que ela nunca havia aceitado a ideia de Vanju ter casado com ele, ainda sim seus planos a incluía. E pensava: “—Uma já conhece a outra, para tudo Deus dá jeito. E lembrando-se da mudez hostil da Lourença: — com o tempo, vão acabar se falando” (MONTELLO, 1971, p. 305). Era desta forma que Severino imaginava que as coisas ocorreriam no reino dos céus. Tudo o que o barqueiro quisesse, bem como um passe de mágica, iria acontecer, porque para Mestre Severino as suas vontades teriam que se realizar tanto na terra, quanto no céu.

Se Vanju é silenciada dentro da obra sobre a possível traição, a Lourença também é, o que mostra que a voz da mulher não tinha a devida importância para absolutamente nada. Se se observar bem, até na audiência de Mestre Severino, não há a presença da Lourença como testemunha, o que seria fundamental, pois ela conviveu diretamente com Vanju e com Mestre Severino. Foi ela a primeira a ver Mestre Severino chegando com a mulher morta nos braços.

O fato de o barqueiro se entregar e confessar o assassinato, ainda sim, crer-se que a defesa deveria ter pedido o testemunho da mulher, ou para culpar ou para defender, Vanju. Nada disso foi feito, ignorando a voz testemunhal da mulher.

Infelizmente, é nula a tentativa de saber se houve adultério ou não cometido por Vanju

no discurso de Lourença, ela não ergue sua voz para afirmar o fato, mesmo depois de anos depois do crime. Pode-se encontrar aqui duas linhas, a primeira de uma confirmação da traição, Mestre Severino seria motivo de chacota na sociedade da pequena cidadezinha, coisa que ele tanto temia, Lourença poderia afirmar e acabar prejudicando o grande amor de sua vida. O segundo motivo é que, se ela dissesse que o crime de adultério não havia existido, poderia erguer uma barreira entre Pedro e Severino, fazendo assim com que o rapaz criasse raiva do próprio avô. Além disso, inocenta a rival que tinha aparecido em sua residência, e fez com que o homem que Lourença amava não casasse com ela e sim com a outra. Vanju passaria de boa moça que acabou sendo assassinada de forma cruel sem ter feito absolutamente nada.

Esses silêncios, o de Lourença e o de Vanju lembram ao leitor que a mulher deveria apenas observar os fatos e silenciar, caso contrário ela poderia sofrer consequências piores. Ele não é colocado na obra por um acaso, para florear a obra, deixando-a mais bonita. Não foi isso. E lamentavelmente ainda hoje, esse silêncio ainda persiste, todas as vezes que, uma mulher se cala diante da violência doméstica. Tal silêncio resulta no fato de que mulheres continuam tendo suas vidas ceifadas pelos seus cônjuges, tendo outras mulheres como testemunha. Mortes que poderiam ter sido evitadas se denúncias fossem feitas, porque ao contrário do que há no livro *Cais da sagração*, nem todo homem tem a coragem de se entregar para pagar por seus crimes, como fez Mestre Severino, antes preferem tirar sua própria vida, ou evade-se do local do crime e passam a ser foragidos, deixando um rastro de sangue e dor nos familiares das vítimas. Algumas vezes, são presos, mas ficam pouco tempo na prisão, logo saem e contraem novo relacionamento, como se nada tivesse acontecido.

Por essa razão é que casos de denúncias precisam ser registrados para que as pessoas possam conhecer não apenas a voz do opressor, mas também da vítima. A voz da vítima é de fundamental importância para se saber sobre o tipo de pessoa que a sociedade tem em seu seio, e assim evitar que agressões psicológicas e físicas ocorram com a mulher que um dia resolveu se unir a uma pessoa pensando em ser feliz para sempre.

4.2 Vanju pelo olhar de Padre Dourado

Começamos a analisar o discurso de Padre Dourado, homem que acompanhou diretamente a trajetória de Mestre Severino e sua família.

Padre Dourado sempre foi um homem prudente, tanto que evitou casar Mestre Severino e Vanju, de véu e grinalda, por esta não ser mais donzela, embora, tenha realizado outro casamento com a mesma situação. O fato é que Padre Dourado era um conselheiro de Mestre Severino, como já fora afirmado em parágrafos anteriores. Quando Mestre Severino assassinou

Vanju, ele esbravejou com a confissão do barqueiro:

— Como não havia outro jeito? Havia, sim senhor! Por que não veio aconselhar-se comigo? Que lhe custava vir à minha casa? Algum dia me recusei de receber o senhor? Quando foi que deixei de lhe mostrar o bom caminho, em nome de Deus? Quando? Diga? [...], mas por que, Mestre Severino? Por que não veio falar comigo? Eu lhe teria aberto os olhos! (MONTELLO, 1971, p. 108)

Depois de ouvir atentamente os detalhes do matrimônio falido de Vanju com o barqueiro Severino, e também os detalhes do cruel assassinato, ainda assim, o padre ficou do lado do barqueiro e tentou ajudá-lo naquilo que ele pode, isso é bem visível quando da fala do Padre Dourado: “— Coragem. Sua aprovação vai ser longa. Peça perdão a Deus pelo crime que praticou. E conte comigo para ajudá-lo a carregar a cruz. Enquanto o senhor presta seu depoimento ao delegado, vou tratar de providenciar o enterro de Vanju (MONTELLO, 1971, p. 115). A amizade de Padre Dourado transcendeu a crueldade do assassinato de Vanju, isso foi muito relevante porque o próprio eclesiástico tratou de impedir que o barqueiro fosse transferido para o presídio em São Luís, ou seja, para uma prisão mais rígida, como se atesta na fala de Padre Dourado “Para São Luís posso garantir que o senhor não vai. Nem que eu tenha de ir daqui apelas para o Arcebispo e o Governador. Fique tranquilo. O promotor é cabeça, mas eu também sou. E eu levo vantagem de ter Deus do meu lado” (MONTELLO, 1971, p. 157). Isto é, pela amizade que ele nutria por Mestre Severino assassino da própria esposa, aquela que o padre celebrou o matrimônio, ele faria de tudo para amenizar sua pena.

A amizade de Mestre Severino e Padre Dourado era tão forte que nem a Lourença tinha voz diante dela. Quando a velha senhora foi pedir a intercessão do padre para impedir que Mestre Severino viajasse com Pedro, eis que, mesmo sabendo do estado de saúde delicado do barqueiro, o Padre ficou contra a ideia de Lourença e contra o diagnóstico do médico. Para ele o médico estava totalmente equivocado, porque Mestre Severino, dias antes havia tido com ele, conversara e tudo, o barqueiro estava bem. E buscou tranquilizar a mulher que estava à beira de um surto.

Falando em Lourença, cita-se aqui as palavras do padre sobre a mulher da seguinte forma:

— Do Mestre Severino? — repetiu o velho, meio em dúvida — Tem certeza do que está dizendo? [...] A Lourença? É mesmo. Agora é que estou vendo direito. Como você está velha! Mais do que eu. O tempo judiou com você, criatura. Foi o tempo ou foi Mestre Severino? Um dos dois. A verdade é que você está mesmo acabada. Quem te viu e quem te vê! (MONTELLO, 1971, p. 172).

Até o padre descrevia a Lourença de forma cruel, e, é preciso estar atento para o questionamento que ele faz, quando pergunta à mulher se havia sido o tempo ou o homem que ela amava, que teria feito com que sua beleza se dissipasse. Crer-se que Padre Dourado fez essa

pergunta porque o velho sacerdote tinha conhecimento do sofrimento que a mulher tinha passado antes, durante e depois da chegada de Vanju, nas mãos de Mestre Severino; criando filha e neto do homem que a traía.

Padre Dourado tinha um grande carinho por Pedro, neto do barqueiro com Vanju, afinal de contas, o menino era inteligente e educado, diferente daquelas crianças que não dedicam sua vida para brincadeiras de rua, Pedro dedicava-se à leitura e a casa de Deus. Por essa razão o sacerdote expressou sua admiração a Mestre Severino da seguinte forma:

— O seu neto é um menino de ouro. Como poucos. E escolhido por Deus para a mais bela missão na terra. Sim senhor. É o que estou dizendo. O Pedro — rematou o padre, numa voz mais cheia, tentando erguer bem a cabeça — é um eleito do Senhor, Mestre Severino. (MONTELLO, 1971, p. 76)

Isso se deu pela vontade do rapaz querer se tornar padre, o que não foi possível, uma vez que Mestre Severino já havia determinado que o jovem seria barqueiro, para continuar com a profissão na família; inclusive depois dessa conversa com o padre Dourado, Mestre Severino proibiu o rapaz de frequentar até as missas do domingo, afastando-o de vez a história de seguir para outra profissão.

Afora isso, o simples fato do sacerdote usar batina, vestimenta que se assemelha a um vestido longo, para o barqueiro era uma afronta a honra de qualquer homem de sua família. Não que Mestre Severino tivesse preconceito com o padre, mas na família dele, nenhum homem poderia usar um traje que se assemelhasse a roupas femininas, como era o caso da batina.

Na verdade, era misoginia que o barqueiro nutria pelo gênero feminino. Para ele, mulher era apenas para reproduzir e cuidar da casa, ou seja, claramente Mestre Severino é o estereótipo do machismo que ainda há nas cidades do interior do Brasil.

Mas voltando ao livro é importante salientar que a amizade entre Dourado e Severino era tanta que o padre desistiu de tentar convencer o barqueiro, para o menino virar padre, e explicou ao rapaz dizendo o seguinte:

—Teu avô, da outra vez, quase me pôs na porta da rua quando fui dizer que queria ser padre. Com ele, tem paciência, eu não toco mais no assunto. Trata de crescer mais um pouco. Quando cresceres, volta a me falar. Aí, então, se tiveres mesmo queda para a igreja, teu avô que se dane: quem vai se encarregar de te enfiar a batina no corpo, sou eu. Sou eu. Mais ninguém. Disso eu não abro mão. (MONTELLO, 1971, p.102).

Observa-se aqui que até o padre temia o barqueiro, ao ponto de tentar convencer o jovem Pedro a aguardar um pouco mais para poder virar sacerdote, o tempo era necessário a fim de que Mestre Severino aceitasse a ideia e impediria que uma inimizade fosse criada entre o barqueiro e o padre.

4.3 Vanju pelo olhar de seu neto, Pedro

Dando continuidade a esse capítulo, vamos ver o que o narrador tem a falar sobre o tão sonhado varão da família de Mestre Severino, seu neto, Pedro.

Pedro é fruto do casamento de Mercedes e Vicente. A sua mãe infelizmente morrerá no parto e o pai depois de ter saído em um barco, nunca mais voltará para o seio da família. O menino sempre se mostrou arisco no sentido de se tornar um barqueiro, a ideia nunca tinha sido aceita por ele, desde a tenra idade. O garoto tinha conhecimento, frequentava escola e não gostava de se socializar com crianças da mesma idade, queria se livrar daquele lugar onde estava vivendo, onde a rudez fosse substituída pela educação formal e para isso estava disposto a se tornar padre. Atente para a forma que o narrador fala sobre Pedro:

Desde cedo, com efeito, o neto se mostra esquivo a qualquer companhia, principalmente à dos garotos de sua idade. Preferia brincar só, metido consigo, num canto de casa, a correr na rua, com outros meninos dos arredores [...] antes dos oito anos, já havia chegado ao fim do primeiro livro de leitura, e ainda tinha uma bonita letra, que a professora da escola pública não se cansava de elogiar. (MONTELLO, 1971, p. 74).

O narrador descreve Pedro como um menino incomum para os padrões locais, destacando sua inclinação para a solidão e sua dedicação aos estudos. O relacionamento próximo com sua avó, Lourença, contrasta com a rejeição e a misoginia evidenciadas pelo avô, Mestre Severino, que o pune por se envolver em atividades consideradas femininas.

Com o passar do tempo, Pedro deveria começar a viajar com o avô, afinal de contas ele receberia o Bonança como herança e se tornar-se-ia assim, um barqueiro. O narrador diz que “Pedro havia crescido muito, parecia agora um rapaz, muito magro, alto, os cabelos vermelhos, o rosto comprido marcado pelas espinhas” (MONTELLO, 1971, p. 78). E foi com esse porte que acabou despertando paixão de um homossexual, o Davi.

Davi tentou seduzi-lo, chegando a levá-lo ao seu mirante em São Luís para repousar um pouco, mas a ideia de assumir uma sexualidade diferente foi logo reprimida pelo avô Severino de forma violenta. E quase teve sua vida comprometida porque o barqueiro tramou a morte do neto e depois o seu próprio suicídio nas águas do mar.

O narrador, ao longo da história, raramente dá voz a Pedro, deixando-o em silêncio diante das adversidades que enfrenta. Isso é evidente mesmo em momentos de violência, como quando Pedro é forçado a testemunhar a intervenção violenta de seu avô: “Pedro ouvia calado, um dos braços no recosto do banco, as pernas estiradas, abrindo e fechando os pés, o cenho franzido” (MONTELLO, 1971, p. 291).

Todas essas citações são da voz do narrador traçando os comentários valorativos e as

descrições deles. O narrador tão conhecedor de cada um, nos apresenta suas forças e fraquezas diante dos fatos ocorridos na vida de seus personagens, que são pessoas comuns que vivem histórias as quais nem sempre são aquilo que cada um esperou da vida.

Todos os personagens do romance têm seus sonhos destruídos pelo Mestre Severino, para se ter a certeza disso, basta refletir sobre a vida de cada um deles, começando de Lourença, a primeira que teve a vida destruída por não lhe dar um filho; em seguida Vanju, logo após, Mercedes que faleceu de parto e por fim Pedro, que não consegue se desvencilhar do destino já traçado pelo avô, que é guiar o Bonança, pois se ele o fizer, terá sua vida ceifada pelo marujo do mar.

4.4 Vanju aos olhos do Dr. Genésio

Outro personagem de importância significativa na trama é o promotor de justiça, Dr. Genésio, um homem do Direito que chegou à cidade a bordo do barco de Mestre Severino. Assumindo o cargo de promotor, ele trouxe consigo esposa e dois filhos, despertando, no entanto, ciúmes em Mestre Severino com relação a Vanju, que aparentemente já o conhecia de algum lugar.

Quando o barqueiro cometeu o assassinato de Vanju, ele talvez não tenha previsto que o promotor seria responsável por acusá-lo. Determinado a garantir a condenação de Mestre Severino, o promotor fez de tudo para que o barqueiro recebesse a pena máxima de vinte e dois anos de prisão em regime fechado. No dia do julgamento, com base no próprio testemunho de Severino, o promotor conseguiu facilmente persuadir o juiz e os jurados com suas acusações incisivas. Observa-se a forma como o Dr. Genésio se expressava:

— O crime que hoje vai ser julgado — começou ele, após um silêncio — é o mais revoltante que já se cometeu nesta Comarca. Procurei inteirar-me dos crimes anteriores, desde os tempos da Colônia, e posso assegurar aos senhores jurados que nenhum foi cometido com tanta frieza, tanto cálculo e tanta crueldade. (MONTELLO, 1971, p. 161).

Este é o único momento em que o promotor de Justiça, mais tarde promovido a Juiz da comarca, se expressa diretamente na narrativa. No entanto, ele não emite qualquer análise explícita sobre a inocência de Vanju; essa avaliação é deixada principalmente ao narrador, que gradualmente descreve a conduta do promotor durante o julgamento. Embora o promotor não tenha falas que confirmem um envolvimento com Vanju, a intensa raiva que ele demonstra em relação ao barqueiro, diante do cruel assassinato, é visível na obra, assim como o ódio de Mestre Severino em relação a ele.

Cabe aqui fazer a seguinte ressalva sobre o livro Cais da Sagração, durante a narrativa as personagens principais são apresentadas através da perspectiva das personagens secundárias,

que desempenham papéis cruciais no desenvolvimento da trama. Em "Cais da Sagração", esses personagens secundários contribuem significativamente para a complexidade da narrativa, como promotor, cujas ações provocam a ira de Mestre Severino a ponto de levá-lo ao terrível ato de assassinar sua esposa.

5 VANJU POR ELA MESMA

É chegada a hora de encontrar no texto a voz daquela que fora silenciada pela violência de seu esposo, para isso recorre-se desde o segundo capítulo do romance que é quando através de um *flashback* o narrador começa a contar sobre a personagem Mestre Severino.

Como já fora dito em capítulos anteriores, da forma como o barqueiro encontrou Vanju, há a necessidade de se dizer o quanto ela achou bom ser pedida em casamento, a princípio ela não acreditou na proposta do homem: “Não, tu estás brincando comigo. Isso não se brinca” (MONTELLO, 1971, p. 36). E tendo como resposta a seriedade da promessa e da mudança de vida, ela feliz e sorridente pôs-se a sorrir dizendo:

— Até que vai ser engraçado. Ninguém vai querer acreditar. Casada? Eu? A velha Chicó vai pensar que tu estais mangando dela. [...]

[...]

— Então tu me promete uma coisa — replicou Vanju submissa — Lá na pensão tu vais dizer a todo mundo que tu casa comigo no Juiz e no Padre. Vê lá: não vai esconder. Faço questão de quebrar a castanha na boca daquela gente. Depois tu me contas com que cara elas ficam, principalmente à velha. (MONTELLO, 1971, p. 36).

Ora, aqui percebe-se que a mulher só pensava em mudar de vida, sair do meio da prostituição, ao que parece ela já não aguentava viver dentro de um prostíbulo, e afora isso, ela também quebraria um tabu dentro da sociedade, que era uma meretriz se casar, coisa que muito raramente aconteceria. Vanju até ali parecia que estava tendo as bênçãos do céu, pois sendo mulher de tantos homens, um resolveu tirá-la daquele ambiente e dar-lhe um lar. Como ela mesma disse ao barqueiro: “— Todas elas vão ficar com inveja de mim, querido! Vai ser o maior escândalo do mundo! Eu casada, e casada no Juiz e no Padre” (MONTELLO, 1971, p. 36). E dizia tudo isso sentindo a maior alegria do mundo.

Lamentavelmente Vanju fora enganada em parte, pois Mestre Severino não lhe disse que ele residia maritalmente com outra mulher e nem que seu plano era o de ter um filho homem para ser o herdeiro de seu barco. Sem saber desses detalhes importantes, ela mergulhou na história do casamento e fora residir com seu marido.

Depois desse momento Vanju ao chegar na cidade onde Mestre Severino morava, conheceu a mulher que residia na casa junto a ele; sem saber desse fato, ela tenta iniciar uma amizade com a Lourença, mas essa evita até lhe dirigir alguma palavra, como se atesta na citação abaixo:

— Por que é que você insiste em não falar comigo? [...] — Somos só nós duas dentro desta casa e eu preciso ter alguém com quem conversar [...]

[...] O que foi que eu lhe fiz? Não posso passar muda o tempo inteiro, quando Severino está viajando[...]. Preciso que alguém me ouça, preciso que alguém me fale. (MONTELLO, 1971, p. 56).

Observa-se que a ex-prostituta implora para que a Lourença fale com ela, mas não é apenas isso que fica subentendido, aqui ela diz que precisa de alguém que a ouça, esse alguém sem sombra de dúvidas é o leitor. Observe que Vanju parece perceber que, por um narrador contar os fatos ele talvez não conte a versão dela, então, ela grita pedindo para ser ouvida dentro da obra. Quem sabe se Lourença tivesse falado com Vanju, criado vínculo de amizade, talvez o destino da mulher do barqueiro teria sido outro.

Esse ato de implorar para que a Lourença lhe ouça, é de certa forma algo que ainda está dentro da sociedade, muitas mulheres tentam falar sobre tudo o que lhes aflige em seus matrimônios, mas não encontra alguém para ouvi-las. Ou até encontram, mas acaba sendo inútil e na maioria das vezes, elas terminam tendo o mesmo fim que a personagem Vanju. A Lei Maria da Penha, no Brasil serviu para que o índice de violência contra as mulheres diminuísse, mas não impediu e nem impede que tipos de agressões continuem acontecendo. A mulher, sem sombra de dúvida, continua sendo o sexo frágil.

Mas voltando a falar sobre a voz de Vanju dentro da obra *Cais da Sagração*, outro momento que se ouve a voz dela é quando de sua gravidez, mais precisamente no seu parto. Mestre Severino ao saber que a criança era mulher, pede a Vanju que lhe dê outro filho, ela então nega uma nova gestação da seguinte forma: “— Não, isso não! Basta o que sofri. Pelo amor de Deus, não me fale de outro parto. Sei que morro, se tiver outro filho!” (MONTELLO, 1971, p. 60).

Aqui se percebe que Vanju queria casar, mas não queria a responsabilidade de ser mãe, isso fica nítido durante a leitura da obra. Todavia, Mestre Severino era oriundo de família tradicional e como tal queria ter filhos quantos fossem, contanto que pelo menos um varão de seu sangue nascesse para conduzir o barco *Bonança*. No livro *Histórias íntimas*, a historiadora Mary del Priore diz o seguinte sobre família:

Na família os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos modelos femininos tradicionais — ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido — e das características próprias da “feminilidade”, como instinto materno, pureza, resignação e doçura (DEL PRIORE, 2011, p. 160)

Pode-se dizer que Vanju não possuía nenhuma dessas características, em especial a do instinto materno, tanto que a voz de Vanju só volta a ser ouvida quando esta atribui à Lourença a responsabilidade da criação da sua filha. Desde atos simples como a troca de fralda era a outra que fazia, Vanju sequer quis amamentar sua própria filha para evitar a flacidez dos seios. Definitivamente a maternidade não era algo que lhe trazia gosto ou alegria. Observa-se o que Vanju diz para Lourença: “— Hoje você passa a Mercedes para seu quarto. Falei com Severino,

ele concordou. Eu tenho o sono profundo, não acordo quando a menina chora. O melhor é que ela durma com você” (MONTELLO, 1971, p. 61-62). No dia do batizado não foi diferente, Vanju jogou toda a responsabilidade da menina em Lourença e na madrinha, Noca, como se atesta na seguinte citação: “— No dia do batizado, quem vai levar a Mercedes é você. A madrinha de batismo não podia deixar de ser a Noca; mas a madrinha de carregar tem de ser você. Eu e Severino tivemos a mesma ideia” (MONTELLO, 1971, p. 62).

A partir daqui a voz de Vanju é silenciada, o leitor só se deparará com ela novamente, no fim da obra, por meio do flashback, onde mostra como se deu o seu assassinato. De forma premeditada, Mestre Severino mente para a mulher dizendo que ambos iriam passear na praia, e a obriga a se confessar na igreja, Vanju repele a ideia da seguinte forma:

- Que novidade é essa, Severino? Estou te estranhando. Tu me chamaste para dar uma volta na praia, não foi para vir na igreja me confessar. Quem te disse que estou cheia de pecados?
- [...]
- Eu não estou com vontade de me confessar, ora essa! Quando tiver vontade, venho sozinha, não precisa você me trazer. (MONTELLO, 1971, p. 62).

Aqui temos uma frase interessante: “quem te disse que estou cheia de pecados?” Há nessa frase a intenção de Vanju em querer saber quem estava falando de sua vida para Mestre Severino, algo tão ruim que ele acreditava ser um pecado e que por isso ela deveria se confessar. Nota-se também que Vanju percebeu a mentira de Severino, quando ela afirma: “tu me chamaste para dar uma volta na praia”. A ex-meretriz percebeu que algo estava errado, tanto que ela ficou intimidada com o olhar do barqueiro e com o início da violência e disse a ele — Que é isso Severino? Que cara é essa, criatura? [...] — Está bem, está bem. Não brigam dois quando um não quer. Largue meu braço, não precisa de zangar. (MONTELLO, 1971, p. 306).

Depois dessa situação, a mulher se confessou e meio que alegre voltou até o seu marido e lhe disse: “— Pronto, já me confessei. Botei para fora tudo o que tinha aqui dentro, não ficou pecado nenhum, nem mesmo para a semente. Estás satisfeito? Era isso que tu querias? Agora desmancha essa cara sisuda. Vamos à praia”. (MONTELLO, 1971, p. 306).

No enunciado do texto pode-se observar que ela inocentemente acompanhava o marido sem saber que o mesmo preparava a sua morte, tanto que Vanju chega a dar a mão ao homem como se eles caminhassem para um dia de lazer, de diversão ao lado de Severino, posto que raramente isso acontecia, pelo menos é o que está escrito no livro.

As últimas falas que são possíveis de se ouvir de Vanju são as mais dolorosas que se observam em toda obra. Elala desesperada diante da forma violenta que o barqueiro a levava para dentro do mar suplica para que Mestre Severino não a mate:

- Me deixa! Me deixa! Pelo amor de Deus, me larga! Eu não quero ir! Eu não quero ir!
- Não! Não! Pelo amor de Deus, não me mata!
- Não, não me mata! (MONTELLO, 1971, p. 308).

O crime ocorreu em silêncio, sem que o clamor de Vanju encontrasse eco, sem que sua voz fosse ouvida por alguém. Na verdade, ao longo de todo o romance, a voz de Vanju permaneceu inaudível após seu casamento com Mestre Severino, pois ela não tinha com quem compartilhar sua nova realidade ao lado do barqueiro.

Quanto à suposta traição de Vanju, é impossível obter qualquer informação através de sua própria voz de um possível envolvimento romântico com o promotor. Não há menção alguma de sua parte sobre sua amizade com o Dr. Genésio. Essas narrativas de envolvimento dos dois são exclusivas do narrador e do personagem Mestre Severino, o que torna difícil para o leitor formar qualquer juízo de valor sobre o assunto. Sem a perspectiva de Vanju, ela se torna mais vítima do que culpada. Isso é evidenciado pelo fato de Mestre Severino ter sido detido por 22 anos, embora isso não signifique necessariamente que ele tenha se arrependido do crime, como já foi observado nas análises anteriores da voz de Mestre Severino.

Em resumo, a voz de Vanju continua ressoando em cada mulher que sofre com a violência de seus parceiros. Isso faz com que o romance de Josué Montello não apenas seja atemporal, mas também sirva como um apelo constante nas letras brasileiras por justiça e proteção para as mulheres que continuam a enfrentar ameaças diariamente.

6 A VOZ DO PATRIARCADO EM CAIS DA SAGRAÇÃO

Quando alguém se debruça sobre a leitura de Cais da Sagração, logo percebe que a temática patriarcado se encontra presente na narrativa. Mestre Severino é o homem tradicional que acredita que tudo tem que girar em torno do homem, ele subestima a inteligência da mulher e mais ainda, há nas entrelinhas das passagens narradas, um certo tipo de misoginia, a exemplo disso é quando do nascimento do primeiro filho, uma menina, que ele acaba não aceitando por completo:

Daí também a razão porque ele nunca pôde esquecer o desapontamento com que ouviu a Comadre Noca anunciar-lhe o nascimento de Mercedes, com a menina nos braços.
– Mulher? – interrogou, atônito.
– Mulher – confirmou a parteira.
– Não, não é possível! (MONTELLO, 1971, p.59)

Este é só um dos exemplos do posicionamento patriarcal Severino precisava de um homem, para dar continuidade a profissão de barqueiro na família e mulher não podia assumir tal posto. Não difere da grande parte da família brasileira. Basicamente a família de Mestre Severino, mesmo com as pitadas de hipocrisia, é o reflexo da família patriarcal do Brasil. Observa-se o que diz a citação abaixo:

Nesse caso, os traços essenciais da família patriarcal são: a crença na existência de laços consanguíneos, definidos através de um antepassado comum, mítico ou real; a vigência de critérios de transmissão hereditária da posição de 'chefe' ou de 'senhor' em linha masculina, com preferência ao primogênito da esposa legal ou de uma das esposas legais; ao exercício do poder senhorial através de norma estabelecidas pela tradição, independentemente de sua origem ou fundamento religioso; o princípio de unidade econômica e política dos componentes da unidade familiar, sob a liderança do 'senhor'; a comunhão religiosa; e o princípio de solidariedade no grupo de parentes, em todas as ações ou situações em que estes ou seus apaniguados ou subordinados se envolvessem como e enquanto membros ou representantes de uma unidade familiar" (FERNANDES, 1996 apud AZEVEDO, 2017, p. 13).

Mestre Severino possuía todas essas características, a única diferença é que devido a sua primeira companheira Lourença ser estéril, ele teve que reconstruir sua vida. Mas o modelo é o mesmo, Vanju continua sendo uma mulher submissa, que possui algumas regalias as quais Lourença não teve. Ela fugiu do modelo de mãe exigido, começando da amamentação, “Vanju não amamentaria a filha, para que este não lhe deformasse os seios” (MONTELLO, 1971, p. 61), e fugiu também da criação da filha. O resultado dessas ações unido ao ciúme do marido acabou que resultando em sua morte.

Severino realizou tudo que um homem patriarcal radical poderia realizar para honrar o seu nome: Traiu sua “mulher” pelo fato ser estéril; casou com uma mulher que poderia lhe dar filho; negou de início o nascimento da criança por ser mulher; assassinou a esposa; agrediu o neto e arquitetou matá-lo este, caso o rapaz tivesse inclinação para a homossexualidade. Observa-se

aqui que, Mestre Severino fez de tudo, e até de forma desesperada, para ter uma família tradicional, mesmo utilizando os meios mais impiedosos. Buscando para reforçar essa fala observe o que diz a historiadora Mary del Priore a respeito do patriarcalismo.

A soma dessa tradição portuguesa com a colonização agrária e escravista resultou no chamado patriarcalismo brasileiro [...] tratava-se de uma grande família reunida em torno de um chefe, pai e senhor forte e temido, que impunha sua lei e ordem nos domínios que lhe pertenciam. Sob essa lei, a mulher tinha de se curvar [...] A família patriarcal foi assim resumida: pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados (PRIORE, 2014, p. 12-13).

Ao findar a leitura da narrativa, observa-se algo interessante, a personagem Mestre Severino volta a ter a sua vida normalmente, passando pelos problemas de doença comuns de sua idade. Não foi excluído da sociedade, não teve seus relacionamentos sociais destruídos, ou seja, depois de sua saída da prisão apenas continuou a viver como se nada tivesse acontecido. Um retrato fiel daquilo que a sociedade brasileira faz com um homem que mata a esposa e cumpre a pena.

Crer-se que a temática ressocialização de presos ainda tem muito a ser discutida dentro de todas as esferas dos três poderes. No caso de Vanju que não tinha ninguém por ela, temos este desfecho; contudo, questiona-se: e quanto as famílias das mulheres que tiveram suas vidas ceifadas pelos companheiros? Como a lei pode aliviar essa dor? O cumprimento da pena é o suficiente para punir quem ceifou a vida de alguém? Que garantias há de que o indivíduo não mais praticará o mesmo crime com outras pessoas?

Ainda tem muito a se discutir sobre o assunto, afim de se refletir sobre causas e consequências da violência contra a mulher.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Romance com descrições longas e minuciosas como os romances realistas, *Cais da Sagração* possui um narrador que ninguém sabe sobre sua origem, suas características físicas e psicológicas, mas que muitas vezes é confundido com o autor. Este narrador conhece o íntimo de seus personagens, mas evita tecer comentários sobre as atitudes dos mesmos, logo, ao atentar para o enredo, percebe-se às vezes que ele emitiu algum comentário foi para falar sobre o ambiente, e o cenário em que os seus personagens viviam. O narrador dá mostras do tempo-espaço, a degradação do local onde os pescadores e barqueiros trabalhavam, que era o Cais da Sagração e principalmente o mar. Inclusive há estudiosos que afirmam que em toda a obra é o mar a verdadeira personagem principal do livro, isso porque, tudo gira ao redor dele: do amor, passando pela traição até chegar ao assassinato, tudo ocorre por causa do mar.

Ao ler *Cais da Sagração*, a primeira coisa que se percebe é uma evocação do mar, tudo acontece por causa do mar o que nos remete a olhar para o clássico de Homero, a *Odisseia*, a grande peleja de Odisseu para voltar à sua casa depois de 10 anos da Guerra de Tróia, ou seja, mais 10 anos lutando contra o mar que se revolta com Odisseu por influência dos deuses. Recorda-se aqui também do livro *Os trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo; e como não lembrar de Castro Alves com o poema, *O Navio Negreiro*, entre tantos e tantos outros escritores, da Literatura Universal e Brasileira que fazem da imensidão de águas salgadas, um verdadeiro cenário para grandes romances.

Outra evocação que o livro faz sobre o grande enigma da Literatura Brasileira, a traição ou suposta traição de Capitu. Porém agora com outra personagem, a Vanju que era uma ex-prostituta, que conseguiu sair do prostíbulo para casar com um homem. Contudo, sua voz é silenciada durante toda a obra, bem como Machado de Assis fez com a voz de Capitulina, no livro *Dom Casmurro*.

Outro ponto que cabe ao diálogo é a lenda de Dom Sebastião, o mito do sebastianismo já foi abordado por vários escritores, como por exemplo Fernando Pessoa, com a obra *Sebastianismo* e *Quinto Império*; e Ariano Suassuna, com a obra *A Pedra do Reino*, que conta a lenda do Rei de Portugal, Dom Sebastião que se encantou, ou melhor, desapareceu na Batalha de Alcárcer-Quibir, depois de ter tido suas tropas dizimadas pelos marroquinos, vem parar nas terras do Maranhão.

Aquele que ler *Cais da sagração* atentamente, logo percebe esses detalhes na narrativa, é a sua voz sendo manifestada, uma vez que, ele já tem esse conhecimento, pode apresentar sua opinião, sua visão sobre o livro, sem que necessite do posicionamento do autor.

É claro que para se ter essas ligações de texto para texto, precisa-se de muita leitura, dos

livros de Literatura, de História, de Crítica Literária, enfim, é preciso ter um arcabouço literário para que haja um diálogo das múltiplas escritas existentes dentro da narrativa. Por esta razão Barthes afirma:

O leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito (BARTHES, 1988, p.70).

É por isso que é possível analisar *Cais da Sagração* por vários ângulos, cada leitor interpretará a obra de uma maneira. Cada leitor desse romance recebe-o com uma ideia diferente. A obra se divide em antes e depois da voz do leitor, condenar ou não o personagem principal por seus atos, ter um posicionamento sobre os fatos acontecidos é a mais profunda manifestação da voz do leitor.

Diante do exposto concluímos que conseguimos atingir o nosso objetivo que foi o de mostrar que é possível tirar o foco da voz narratorial, que englobava a voz de Vanju, descrevendo assim, sua identidade a partir dessa emissão pessoal que se faz presente no enredo. Consideramos que isso possa renovar a leitura de *Cais da Sagração*, lançando ainda um novo olhar sobre essa personagem cuja condição de meretriz pode ser um obstáculo para sua versão dos fatos relacionados a sua morte, não apenas na trama ficcional, mas também por parte do leitor.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernanda Maria Caldeira de. O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista. **Revista Três Pontos**. Belo Horizonte. v.13, n.1, 2016 - Dossiê Múltiplos Olhares sobre Gênero. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/issue/view/141>>. Acesso em 13 de setembro de 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BÍBLIA, Sagrada. Salmo 128. In: **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990. p. 814).
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. De Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ática, 1978.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2014
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: volume 3: República: Memórias (1889-1950)**. São Paulo: LeYa, 2017.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2011.
- GOMES, Antônio Egno do Carmo. **Há um autor neste romance? A voz, a ação e os apelos do autor metaficcional**. Tese de doutorado UFG. Departamento de pós graduação em Letras. Orientadora: Profª Drª Zênia de Faria. Goiás. 2014.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (org). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans-Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (org). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

MONTELLO, Josué. *Cais da sagração*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971. NERES, José. **Montello**: O Benjamim da academia. São Luís: Gráfica Carajás, 2008.

NERES, José. **Na trilha das palavras**: Estudos literários. São Luís: Café e Lápis; Edições AML, 2015.

NERES, José; CAVALCANTE, Dino. **O Século XX e a literatura maranhense**: Reflexões sobre narrativa em prosa. (Org). São Luís: Edufma, 2016.

NERES, José. **Montello**: Múltiplo Homem de Letras, publicado originalmente no Jornal do Maranhão, nº 94 – agosto de 2017.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1998. SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos; CAVALCANTE, José Dino Costa; SOUZA, Joseane. **Josué Montello**: Entre memória, ficção e cultura. (Org) São Luís: Edufma, 2018.

TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática**: ensino plural. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.